



DEPOSITO LEGAL
ABR 1946

168

Ano VI-130

NAS RUAS DE LONDRES



**MUNDO
GRAFICO**

OS MIÚDOS DO CLUBE DO CAMÉLO

por W. H. HOLTON

FOI num dos primeiros ataques aéreos alemães a Londres, durante a segunda guerra mundial, que caíram bombas em Bethnal Green, um bairro da zona oriental de Londres habitado por operários, que arrasaram ruas inteiras. Uma bomba caiu junto das trazeiras de um Centro Social fundado há muitos anos para prestar auxílio a esta gente pobre. Felizmente, não acertou no Centro mas causou grandes estragos ao «Camélo», uma taberna que ficava perto.

Na manhã seguinte, como de costume, os habitantes que sobreviveram ao ataque voltaram ao seu trabalho — os homens para as fábricas ou para as docas, as mulheres a lavarem o que conseguiram salvar dos escombros das suas casas.



São alegres, por sentirem que também ajudaram a ganhar a guerra.

A ideia do director

As crianças também estavam a tirar o melhor proveito que podiam da situação e, para elas, as ruínas constituíam um belo campo de jogos. Escavaram cavernas e abrigos nos restos desmoronados das suas casas, acenderam fogueiras e acamparam. A taberna arruinada foi um grande achado. Era uma casa de três andares que ficou com as escadas intactas. Os proprietários declararam que não achavam que valesse a pena repará-la e por isso as crianças tomaram conta dela, com o que o seu estado nada ganhou. Todavia, o director do Centro Social, que é também presidente do Fundo de Salvação das Crianças, Secção dos Clubes dos Pequenos, teve uma ideia luminosa.

«Esta casa é exactamente a que me convem, — declarou ele. Faria uma bela sede para um clube para estes miúdos entre os seis e os catorze anos de idade — um elo entre as escolas infantis e os clubes da juventude.»

Melhor do que ninguém sabia o director que naquela area densamente populosa as crianças tinham em suas casas poucos sítios onde brincar. Só havia as ruas, para elas, ou os sítios devastados pelas bombas. Ele já tinha tido experiência com clubes de crianças nos abrigos contra ataques aéreos. Tinham sido tão bem sucedidos que ele estava à procura de alguma coisa de natureza mais permanente. Esta taberna bombardeada servia admiravelmente para o que ele queria.

Os proprietários do prédio mostraram-se amáveis e concordaram.

(Continua na página 22)

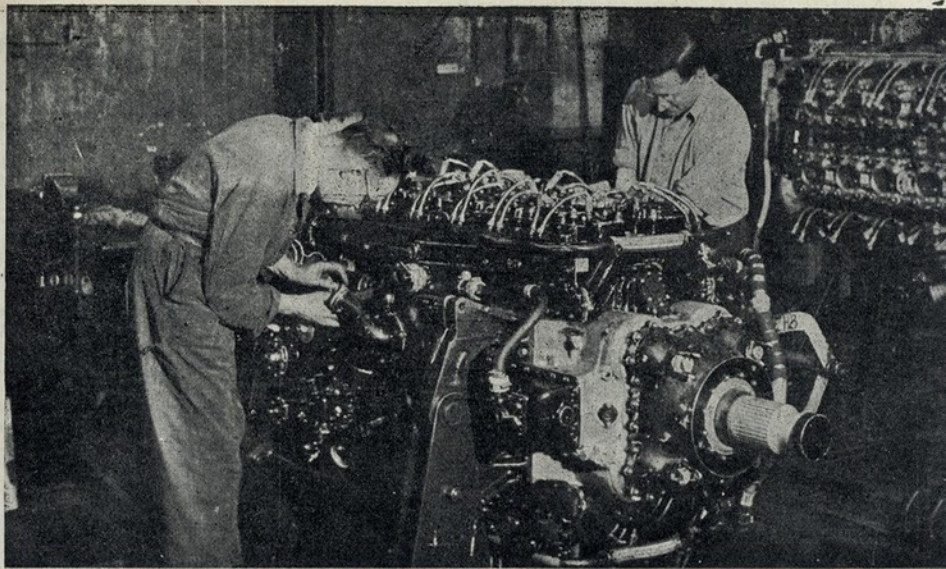
Já está um homenzinho, habituado na vida da terra. Que ricas batatas!



Uma escola ao ar livre. Rapazes e raparigas, da Europa martirizada, que a guerra levou para a Grã-Bretanha, aprendem a língua pátria



Hão-de ser robustos, os homens da Inglaterra de amanhã. O professor de ginástica aplica este princípio elementar: divertir-se tanto ele como as crianças



A técnica da Aviação no Futuro

A aviação do futuro tem motores poderosíssimos, capazes de desenvolver milhares

de cavalos. São maravilhas da técnica, de extraordinária precisão, que podem fazer voar a centenas de quilômetros por hora as grandes aeronaves das rotas aéreas transatlânticas. Estes dois operários procedem à última afinação destes colossos de perfeição mecânica

UMA NOVELA

As três moscas

de VAZ VICTOR

ESTA história foi-me contada por uma mosca. Percebi que ela me queria dizer qualquer coisa pela maneira insistente como zumbia aos meus ouvidos. Ainda a sacudi por duas vezes, com a irritação própria dos que não gostam de ser importunados, mas ela não desistiu do seu intento.

Reparei, então, melhor no bicho, aproveitando um momento do seu repouso em cima do meu jornal. Vi logo que era um díptero, com as asas transparentes, sulcadas de nervuras que se pareciam com as de um delta. A cabeça, articulada, sofria com frequência a pressão das patas dianteiras num excesso de higiene. Os olhos, grandes e facetados, pareceram-me miopes pela propulsão dos globos. E as patas de traz, distorcendo-se como dois fios que se enlaçam em rotações voluntárias, deram-me a impressão do cerimonial pródigo de quem espera uma cena de pugilato. Enfim, uma mosca vulgar, destas que transmitem tudo — até a história que vou contar.

Ela fazia parte de um grupo de três irmãs. Voavam sempre juntas, adoptando, no ar, as figuras geométricas que desenhavam os aviões em exercício. Eram perfeitamente iguais e ninguém as distinguia.

UM dia — toda a existência tem um dia — quando sobrevoavam uns restos de Almoço a mosca A viu leite num pires, junto de uma sombra de bolacha. Nesse momento o seu organismo sofria de sede e fome. Hesitou, entre os dois manjares. Acabou por decidir-se: escolheu o leite e bebeu, sofregamente, uma gota do líquido. Mas, aí já não pôde erguer o vôo áereo e sonoro, com que costumava fazer o desespêro dos velhos solenitos. Teve uma pequena convulsão, que lhe agitou o corpo todo, e morreu. O leite estava falsificado.

Descrever a tristeza das irmãs B e C não é para a minha pena, mais acostumada a narrar a hipocrisia dos humanos. Basta se diga que perderam muito do aspecto glorioso com que outrora piscavam as pernas das senhoras que usavam as saias curtas.

Passaram, então, a visitar de preferência as bibliotecas calmas, dese-

josas de encontrar, livres do convívio de outras moscas, um bálsamo literário para a dor de se verem só. Num desses aposentos, onde a saberia extática parece de nada valer às moscas imprevidentes, deu-se novo precalço na vida de uma delas.

Tenho de molhar a pena na tinta lutuosa com que se trata os necrológos, para dar conta do sucedido. Foi o caso que, estando sobre a mesa um copo de cerveja meio cheio de cerveja, com que decerto se desdentara um leitor anónimo, a mosca B aventurou-se a beber daquele fluido loiro, que dilata o coração dos dipsómanos de Munique.

Bebeu a porção deminuta que comporta o estomago das moscas e breve foi a sua duração. A mosca B teve morte idêntica à da mosca A. A cerveja estava falsificada.

Começa agora o martírio da mosca C. Perdeu o interesse pelas coisas do mundo. Em tudo o que descansasse a

sua fadiga fácil imprimia a ligeireza de quem não quer molestar ou distrair. Quase pedia desculpa aos seus vôos curtos, com pouca permanência no espaço. Desprezou até os raios de sol, onde antigamente sacudia a palpitância irizada das suas asas. Digamos tudo: a mosca C caiu na mais profunda neurastenia. Para que vivia ela, se as suas irmãs tinham desaparecido e nas circunstâncias mais estúpidas? Não fora em lutas com outros entes animados, homem ou bicho, que tinham perdido a vida. Uma, morreria por ter bebido leite, outra por ter ingerido cerveja; e, em ambos os casos, os géneros estavam indecorosamente nas piores condições de consumo.

Quanto mais pensava nisto, mais se amargurava. Não admira, portanto, que a mosca C acalentasse idéias suicidas. Para as pôr em prática, almejou apenas uma oportunidade, como quem deixa ao destino o encargo de colaborar na sua decisão. Esse dia veio finalmente.

Ao entrar numa casa de pasto modesta, viu pendente no teto um papel impregnado de substância insecticida. Já muitas moscas lhe tinham dito que evitasse aqueles «jardins suspensos», que ao fim do dia enegrecem dos corpos colados das moscas gulosas. Reconheceu-o, logo. Era uma tira bastantada de substância cor de âmbar, que se torcia numa cólica de má fé, para as moscas que quiseram viver. Mas para ela!...

Atirou-se, estoicamente, contra aquela fita nojenta, que oferecia à sua ânsia suicida o brilho pastoso do tóxico. Sorveu com turba, o ingrediente que cheirava e sabia mal, uma dose mais que suficiente para extinguir a sua debilidade e pôr fim benéfico à mágoa de ter ficado sózinha, sem as irmãs muito queridas.

Porém, ó espanto! a mosca C não morreu, nem ficou aderente à viscosidade do papel. Como o leite e a cerveja, o papel mata-moscas também estava falsificado.

Pode escanhoar-se à vontade

Se usar creme OATINE, o Creme de barbear que contém LANOLINA, — de excelentes propriedades suavizantes.

O OATINE é o produto preferido não só no Império Britânico como em todo o Mundo civilizado.



Loção para DEPOIS de barbear
Produtos de Beleza de fama mundial

O livro mais pequeno do mundo

O que se julga ser o livro mais pequeno do mundo, um livrinho microscópico, quadrado, cujos lados medem apenas 2,38 milímetros — comparados com o qual os de célebre colecção do Rei Jorge V, que estão no British Museum, parecem grandes — foi feito por um homem que trabalha como encarregado da secção de encadernação dos serviços de imprensa e papelaria do comando da Africa Oriental. E' o sargento Alfred H. Howman, que chegou recentemente a Nairobi vindo de Inglaterra.

O livro tem aproximadamente o tamanho da extremidade de um fosforo, está encadernado de vitela persa, desbastada até ficar tão delgada como papel de seda, e foi cosido com uma agulha especialmente feita para esse fim e um fio delgadissimo da mais fina seda. Em cada página está impressa uma única letra d alfabeto. Foi exibido em Londres, colocado sobre uma pequenissima estante feita na mesma escala e provocou pedidos de compra de todas as partes do mundo. O sargento Howman recusou-se, porém, a vendê-lo e tenciona offere-lo eventualmente ao British Museum.

O sargento Hewman começou a interessar-se na fabricação destes livros minúsculos depois de ver a colecção que pertenceu ao rei Jorge V, o

mais pequeno dos quais tem de lado meia polegada (12,7 milímetros) e com uma história completa e ilustrada da Inglaterra, num livro de 30 páginas, medindo uma polegada e um quarto por uma polegada (25,65x25,40 milímetros), impresso por meio de gravura em cobre.

Outros exemplos do trabalho do sargento Howman são a caixa mais pequenina de papel de carta que existe no mundo e que contém papel de carta e envelopes, que medem um quarto de polegada de lado (6,35 milímetros), com rebordos gomados, e um album fotográfico que mede uma polegada e um quarto por uma polegada (25,65x25,40 milímetros) contendo fotografias reduzidas de negativos normais.

Seja prático e económico

viaje na



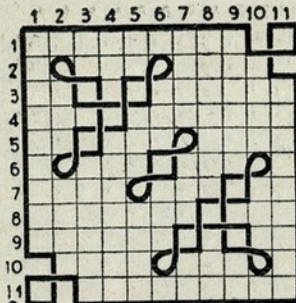
Informações:

em todas as estações da C. P. em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031 no Porto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 723

PALAVRAS CRUZADAS

VERTICAIS

- 1 — Importante ilha das Pequenas Antilhas francesas.
- 2 — Preposição indica privação; Amansa.
- 3 — Doutor; Abre caminho.
- 4 — Curso natural de água; Nome de fruto.
- 5 — Certo; Afasta-se; Lavrou.
- 6 — Caminhos; Decâmetro quadrado.
- 7 — Garantia de pagamento de uma letra; Título de um notável livro de versos de António Correia de Oliveira; Nome de letra grega.
- 8 — Cabo que separe as costas da Taganica (Ingl.) e de Moçambique (Port.); Lírio.
- 9 — A Inglaterra em relação a Portugal; Proposição e artigo.
- 10 — Acrescentar; Cólera.
- 11 — Relativo ao esfago.



PROBLEMA N.º 130

HORIZONTAIS

- 1 — Alvorada.
- 2 — Viscera dupla; Encobre.
- 3 — Reis; Torne legítimo.
- 4 — Possuir; Temperais com sal.
- 5 — Defixo de negação; Em os; Terreiro à volta das igrejas.
- 6 — Pedra do jogo de xadrez; Cidade de Anatólia.
- 7 — Passados; Cíncho; Frequitava.
- 8 — Confronta; Unidade de trabalho considerado em todas as suas formas.
- 9 — Insigne matemático e físico francês que descobriu o principio da telegrafia electrica e a lei fundamental da electro-dinâmica; Gemido.
- 10 — Relativo ao ar; Caritativa.
- 11 — Que tem som rouco.

F	O	R	T	I	M	V	A	S	C	A
A	D	I	E	I	A	V	I	A	R	
D	E	A	E	T	C	S	E	N	T	E
O	S	A	V	A	R	O	S	A	R	A
S	A	N	O	T	O	G	S	A	I	
A	P	A	R	E	C	E	R	E	S	I
M	A	R	A	D	E	D	U	L	O	U
I	T	E	M	O	F	I	T	A	A	R
M	I	G	A	S	A	L	A	I	R	A
A	C	E	N	O	L	G	A	D	E	N
R	O	S	A	S	O	C	I	O	S	O

Solução do problema 129

AS RUGAS
SÃO O PIOR INIMIGO DA SUA BELEZA
ELIMINE AS SUAS, USANDO OS PRODUTOS ELÉCTRICOS **MIRABILIA** (LOÇÃO E CRÉME)

M.º CAMPOS

Laminas GILLETTE

Rapidez, simplicidade, suavidade, eficiência e economia! É a definição do processo de barbear Gillette. Se nem sempre consegue obter Lâminas Gillette, lembre-se que elas são excelentes e que... a sua produção ainda é limitada.

Esc. 7\$50 as 5 lâminas
Esc. 15\$00 as 10 lâminas

75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º LISBOA

O comércio da lã tem a liderança do mundo da moda

Durante a guerra, o comércio britânico da lã representou um papel proeminente no debuxo de novos tecidos, descobrindo novas matérias corantes e manufacturando panos muito finos. Viu-se a prova disto numa exposição especial organizada pelo Conselho Londrino Internacional da Lã, onde se viram mais de 200 amostras novas produzidas pelo Comércio Britânico da Lã. Foram também exibidos quatro novos xadrezes escoceses. Estes, se bem que retenham o calor da mesma maneira, pesam um quarto menos do que os seus similares. Foram também exibidos xales de lã feitos à mão, tão macios que se podem enrolar e transformar numa pequena bola. Os espectadores ficaram com a impressão de que as pesquisas levadas a cabo pelo Comércio Britânico da Lã conseguiram produzir tecidos mais leves, mais alegres e de melhor qualidade do que se conseguia fazer antes da segunda Guerra Mundial. Além disso, foram descobertos tons completamente novos.

ANUNCIAI NO **MUNDO GRÁFICO**

REFLEXOS DO MUNDO



Sabe de agricultura como qualquer lavrador especializado. A guerra ensinou-lhe o segredo de cuidar das árvores

A decoração dos aposentos era sóbria. Nas mezinhas de cabeceira encontravam-se vários exemplares da Bíblia.

O chefe da família, com toda a calma, tirou do dedo o anel e entregando-o à mulher disse:

— É para o nosso filho.

Dito isto preparou-se para sair.

Mas a mulher tinha qualquer coisa a dizer: — Eu sou tão cristã como você, apesar de ser judia — exclamou ela voltando-se para os agentes da Gestapo — e vocês, também são crentes?

A resposta dos agentes ficará célebre na história: «*J'ai trop de crimes sur ma conscience pour pouvoir regarder mon Dieu.*»

Disponham-se a levar o preso, quando a mulher achou seu dever jogar o último trunfo: — Antes de me levarem meu marido — interrompeu ela — gostaria de lhes ler um capítulo do Evangelho.

Dizendo isto, tomou vagarosamente a Bíblia nas mãos e começou a leitura em voz alta. Já fartos de ouvir ler, e sem disposição de continuarem, os agentes retiraram-se levando só algumas joias nas algibeiras.

Time & Tide

Inovações

Num aeródromo, em Pomigliano, próximo de Nápoles, foi instalado um auto-falante, na sala de espera, com o fim de avisar os passageiros a partida dos respectivos aviões. Devido a dificuldades técnicas a inovação introduzida não deu os resultados desejados.

E dizia ele, assim:

«Atenção, meus senhores — e os passageiros suspendem as suas conversações escutando. — Queiram dirigir-se à pista os viajantes que se destinam a Prerrrrr psiu psiu umph tic tic werrrrrr cloc cloc, que o avião vai partir.

Forum

Argumento conveniente

Conheço uma família francesa, judia, da qual dois membros se associaram à Igreja Protestante. Esta família vivia em Chambéry onde, numa fria manhã de inverno, pelas cinco e meia, foi visitada por agentes da Gestapo.

Spectator

Preferencias

Um certo soldado americano, que se encontrava numa cidade famosa pelas suas catedrais, re-



cheadas de riquíssimos túmulos, foi levado a visitá-las por um cicerone que acompanhou a visita de todos os esclarecimentos que julgou necessários. Fim da peregrinação quando o cicerone quis saber qual a opinião do jovem soldado americano, este limitou-se a responder:

— Bonito, mesmo muito bonito, mas nos Estados Unidos costumamos a enterrar os mortos.

The Countryman



Foi desmobilizado. Já voltou à sua antiga profissão de cortador

Experiências

O Instituto de Psicologia de Moscovo tem conduzido recentemente uma série de experiências nas quais se lê ao paciente, em voz alta, determinado trecho, passando-se-lhe pelas faces

HEROINA BELGA

É miss Andrée de Jongle, natural de Bruxelas, que se distinguiu nesta guerra por actos de heroísmo, ajudando muitos pilotos caídos na Bélgica a fugir e socorrendo muitos e muitas vítimas dos bombardeamentos. Eis a cerimonia em que o Secretário de Estado do Ar da Gran-Bretanha, Lord Stansgate lhe entrega, no Ministério do Ar, a «Bomber clock»

uma toalha molhada em água fria, quando atingida certa frase.

Este frase foi repetida bastantes vezes, fazendo-se em seguida a medição da sensibilidade visual ou mais exactamente o seu poder de visão noturna. Chegou-se à conclusão de que a sensibilidade era maior depois daquela frase e só depois dela.

quina. Muitas vezes me ocorre que a razão principal dos acidentes de viação reside no facto de o automóvel não ser considerado, quer pelos peões, quer pelos condutores, como uma arma perigosa.

Time & Tyje

Nature

Viaturas perigosas

Há coisa de cem anos, quando a máquina estava ainda na sua infância, uma locomotiva, de alta chaminé, correndo a uma velocidade de quinze milhas horárias, colheu e matou um homem na linha de Yorkshire. O chefe daquela região, de acordo com alguma disposição antiga, exigiu apreensão de locomotiva como uma arma perigosa. A Companhia protestou, alegando que a locomotiva não era uma arma perigosa. O representante da autoridade contestou que qualquer objecto que causasse a morte na área da sua jurisdição, era considerado uma arma perigosa.

Esquasi-me do final da polémica mas ela trás-nos duas atitudes moais para com a má-



Esta linda reparadora inglesa trabalhou durante toda a guerra com este tractor, nos campos da Gran-Bretanha



PETHIK LAWRENCE

A partida para a Índia de uma missão especial, delegada do gabinete britânico, é um acontecimento que excede o âmbito das fronteiras daquele país para se projectar no plano da actualidade internacional com um vito relevo.

Lord Pethik Lawrence, cuja carreira nas fileiras do partido trabalhista e na vida política da Grã-Bretanha, tem sido um modelo de coerência e dignidade, dirige em Londres o Departamento da Índia e preside à comissão, agora nomeada, para resolver o problema do novo estatuto constitucional que deve modelar a vida do povo indiano nos tempos mais próximos. Dessa comissão, fazem igualmente parte duas outras figuras destacadas do actual governo britânico, o presidente do Board of Trade, Sir Stafford Cripps, e o Primeiro Lord do Almirantado, Alexander. Ambos são, como o seu colega, personalidades experimentadas e o primeiro já em 1942 teve ocasião de fazer uma viagem à Índia, como delegado com plenos poderes, do governo de união nacional que então ocupava o poder.

A tentativa renova-se agora em condições que, embora não sejam as da paz restabelecida, são incomparavelmente mais favoráveis do que aquelas que se registavam há quatro anos quando não apenas a Índia mas todo o continente asiático se encontravam sob a ameaça da dominação totalitária. A reconhecida boa vontade, a experiência e a competência provadas dos homens que constituem a missão agora enviada à Índia fazem prever para este país uma era nova de paz e prosperidade que lhe permita ocupar, no concerto dos povos livres, lugar de relevo.

CRONICA INTERNACIONAL

O espírito de Dunkerque

EM Inglaterra, volta a falar-se, com uma insistência reveladora, no espírito de Dunkerque e nos milagres. Não é por acaso que este fenómeno está a verificar-se num país que, pela índole do seu povo, é avesso a todas as manifestações retóricas e a todos os excessos publicitários. E' que, efectivamente, o clima nacional e internacional, que a guerra gerou para os Ingleses, os obriga a uma vigilância constante e a um esforço de todos os dias. Essa vigilância e esse esforço estão a exercer-se magnificamente em todos os domínios da actividade da população da Grã-Bretanha.

O que justifica a necessidade da vigilância para a Grã-Bretanha? A existência de perigos que podem de um momento para outro, ameaçar a segurança nacional e imperial. A Grã-Bretanha não é apenas a metropole europeia de um grande Império. É, simultaneamente, o bastião avançado do sistema defensivo do hemisfério ocidental. Essa circunstância, que explica a sua missão histórica no mundo, implica obrigações que não podem ser iludidas nem disfarçadas. É certo que o governo de Londres afirmou, desde o primeiro momento, o propósito firme de basear na nova Liga das Nações a sua política externa e militar. Mas as realidades nem sempre se ajustam à vontade dos homens e é natural que, num mundo semeado de perigos, as precauções constituam um dos temas predilectos dos homens de Estado responsáveis.

Alem da vigilância, permanente mantida, para que, segundo a expressão do sr. Attlee, se não percam os frutos da vitória tão duramente ganha, a Grã-Bretanha precisa realizar um esforço sem precedentes na sua história para sarar as feridas abertas pela guerra e para criar as condições em que possa legitimamente usufruir os benefícios da paz. Esse esforço está a ser magnificamente realizado pelo seu povo e é sobretudo para explicar os motivos profundos que o fazem realçar aos olhos do mundo que se evoca o espírito heroico de Dunkerque. E' preciso não esquecer que esse espírito que salvou a Inglaterra salvou simultaneamente a humanidade da paz hitleriana. Como está ele a traduzir-se neste momento? Pela realização de um trabalho admirável em todos os domínios da produção. A exportação de produtos ingleses, cuja venda é a condição fundamental da vida do povo britânico ainda não deixou de aumentar durante os últimos meses e tende a colocar-se rapidamente ao nível da exportação durante o período que precedeu a guerra. Ao mesmo tempo o consumo interno de certos objectos não deixou também de aumentar. O caso dos generos alimentícios deve ser considerado à parte mas em relação a ele a Grã-Bretanha suporta as dificuldades e corre os riscos que afligem todos os povos não disfrutando de qualquer situação privilegiada que de resto se explicaria com os seus sacrifícios durante a guerra.

Nos últimos debates da Câmara dos Comuns e no apelo radiofonico que dirigiu à nação inglesa, o sr. Attlee não escondeu a gravidade e a extensão das dificuldades com que a Grã-Bretanha e o seu povo actualmente lutam para recuperarem o caminho que a guerra fez perder a todos os países que nela se viram envolvidos. Mas, ao mesmo tempo, manifestou a certeza, partilhada pelos seus compatriotas, de que o tempo, o trabalho e a boa vontade dos homens se encarregarão, pelo que à Grã-Bretanha diz respeito, de num prazo de tempo curto, reparar os estragos que a loucura de seis anos de guerra acumulara.

O OBSERVADOR

Emprego na Grã-Bretanha para os mutilados

Na Grã-Bretanha inaugurou-se um registo de pessoas mutiladas, no qual podem ser registados os nomes de todos os mutilados da guerra, por desastres no trabalho ou por qualquer outra causa. O registo não é um dever mas sim um direito, por meio do qual os mutilados podem obter os diversos privilégios para eles criados e, acima de tudo, podem gozar das facilidades oferecidas para obterem emprego. Podem frequentar cursos gratuitos de ofícios.

As Bolsas de Trabalho do Estado têm o dever de arranjar empregos apropriados para os mutilados e o Ministério do Trabalho obrigará os proprietários de fábricas com mais de 20 empregados a escolherem um empregado de entre os mutilados, sendo a quota finalmente determinada depois de completado o registo. Calcula-se que, ao princípio, se elevará apenas a dois por cento do total do pessoal empregado mas caso for preciso, pode-se aumentar mais tarde. Segundo os peritos, deve ser de cerca de um milhão o número de pessoas que virão a registar-se.

O Radar vai ajudar os cegos

A organização britânica de protecção aos cegos, «St. Dunstan's», iniciou experiências detalhadas com o fim de aplicar os benefícios do Radar (radiolocalização ao auxílio aos cegos). Sir Ian Fraser, Presidente da Organização e deputado cego, declarou que as experiências feitas dão esperanças de êxito.

Uma comissão, com o título de «Sensory Devices for the Blind Committee» (Comissão de Aparelhos Sensíveis para os Cegos) está a efectuar as experiências que permitirão adestrar os cegos com o auxílio do Radar. Experimentou-se já uma invenção com o auxílio da qual certas pessoas cegas podem ler livros de impressão normal. Alguns podem ainda distinguir entre a luz e a escuridão. No caso dessas pessoas, o vislumbre de luz que podem perceber pode ser consideravelmente reforçado e aumentado, de maneira a ficarem com vista mais forte. Como acentuou Sir Ian Fraser, os resultados das experiências serão destruídos gratis aos cegos da guerra.

MUNDO GRÁFICO

Director: **ARTUR PORTELA**

Chefe de Redacção e Editor: **REDONDO JÚNIOR**

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 25240

REVISTA QUINZENAL

PROPRIEDADE DO MUNDO GRÁFICO, LDA.

Composição e impressão: Neogravure, Lda. — Travessa do Oliveira, à Estrêla, 4 e 10 — Lisboa.

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1880

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

★ O TRABALHO DIÁRIO DE CONSERVAÇÃO DA GRANDE CATEDRAL

AL LONDRINA

A CATEDRAL DE S. PAULO



A cúpula da Catedral de S. Paulo, um dos dez edifícios mais célebres do mundo, ergue-se no coração da cidade de Londres. No alto tem uma lanterna, uma esfera e uma cruz guindada a cento e dez metros acima do nível da rua



Todos os dias se vêm sentados nos degraus da catedral, empregados dos escritórios da City

S. PAULO, a grande catedral de Londres, ergue-se no alto de uma pequena colina, no meio da parte mais activa de Londres, conhecida pelo nome de «A City». A sua grande cúpula é o principal ponto de referência de Londres. Avista-se a muitos quilómetros de distância, a dominar os edifícios que a rodeiam e, ainda, lá está — ainda se ergue orgulhosa apesar das bombas inimigas que tentaram destruí-la.

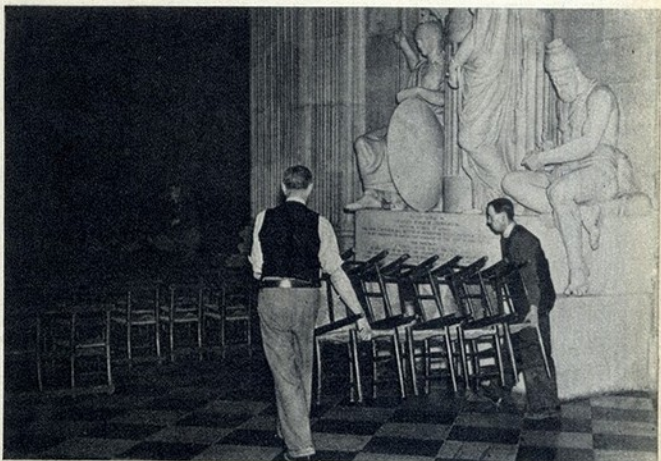
A catedral de S. Paulo é a igreja nacional da Grã-Bretanha. Nela, o povo de Londres, levando à frente a família real, veio dar graças pela grande vitória aliada. A ela vieram, em 1935, celebrar e render graça pelos 25 anos de reinado de Jorge V e da Rainha Mary. E, assim, pelo passado fora, as celebrações nacionais da Grã-Bretanha têm-se efectuado, solenemente, em S. Paulo. O local da catedral remonta aos dias primitivos do cristianismo na Grã-Bretanha, quando ali fundou uma igreja um dos missionários de Santo Agostinho. Essa igreja, que datava do século VII, foi reconstituída em 1251, depois do que o seu corpo central não sofreu alteração até 1666, quando o Grande Incêndio varreu Londres de uma ponta à outra destruindo tudo no seu caminho. Começou em 1675 a construção do belo edifício actual, cujo traçado se deve a Sir Christopher Wren, o maior dos arquitectos da Grã-Bretanha. A construção terminou em 1710.

A catedral de S. Paulo está construída no estilo da Renascença Italiana e tem o feitio de uma cruz latina. O seu magnífico frontespício, virado para o ocidente, que se avista ao alto de Ludgate Hill, assenta sobre um terraço ao qual se chega subindo 22 degraus. Tem 54 metros de largura e tem um pórtico de dois andares com seis pares de colunas no piso inferior e quatro pares no superior. Por traz e acima eleva-se a grande cúpula. Está ladeado por duas torres elegantes de 63 metros de altura, numa das quais há um carrilhão de doze sinos, enquanto

(Continua na página 9)



A catedral tem o feitio de uma cruz e foi construída segundo os planos de Sir Christopher Wren, o grande arquitecto britânico. A' esquerda da fotografia está o frontespício virado ao ocidente



Retiram-se as cadeiras para a limpeza do chão, que se faz duas vezes por semana



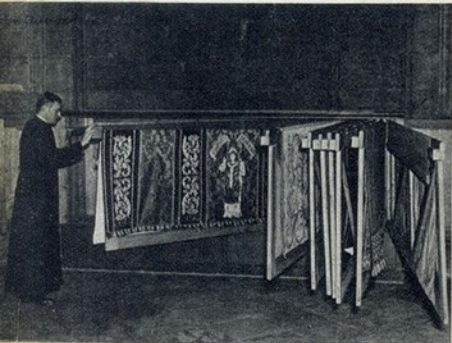
Depois de lavado e esfregado, varre-se o chão com seradura. Este trabalho faz-se de noite



Limpeza de candelabros da nave central



O vestiário onde se guardam as vestes e os paramentos



Uma coleção de panos de altar hábilmente arrumados de maneira a tornar fácil a sua inspecção



Uma rima de livros de música levados para o subterrâneo onde se ensaia o câoro



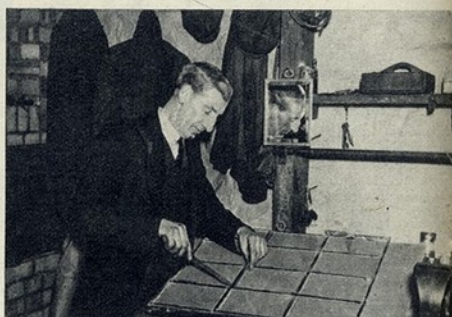
Verificação do diário para os serviços religiosos da semana



Um canteiro trabalha numa peça de pedra de Portland para reparar um defeito



Na oficina subterrânea, um marceneiro faz um genuflexório



Reparação de uma claraboia



O fogueteiro trata de carregar a fornalha para a noite. São precisas muitas toneladas de carvão e de coque



Um electricista verifica os grandes insufladores rotativos do órgão



Um homem acerta os ponteiros do relógio gigantesco da Catedral



Guias e operários descansam à hora do almoço



O guarda da noite da Catedral marca o seu relógio num dos giros. Na Catedral existem tesouros de imenso valor que devem estar constantemente guardados

A CATEDRAL

(Continuação da página 7)

a outra sustenta o «Grande Paulo», o maior sino existente na Inglaterra, que toca, durante cinco minutos, todos os dias.

Interiormente, a beleza principal da catedral está na perfeição das suas vastas proporções. Na sua cripta jazem muitos dos grandes heróis nacionais da Grã-Bretanha.

Para conservar em bom estado esta grande igreja, para lhe manter o asseio e a boa ordem e para atender aos numerosos pequenos pormenores da sua vida diária tem bastante pessoal. Ali se empregam permanentemente 60 homens debaixo da superintendência de um clérigo encarregado dos trabalhos, e ocupam-se de reparações, alterações melhoramentos, etc. Inspeções periódicas evitam os estragos do tempo no edificio. Em grandes oficinas subterrâneas, pedreiros, marceneiros, vidraceiros e canalizadores têm sempre que fazer. Duas vezes por semana uma equipa nocturna de serventes lava e esfrega o vasto chão de mármore varrendo-o depois com serradura. Electricistas mantêm em bom estado a iluminação, fogueiros ocupam-se do seu aquecimento; as vestes e os panos de altar são cuidadosamente tratados.

Sir Christopher Wren morreu no dia 25 de Fevereiro de 1723. Foi muito lembrado durante a guerra por ter sido o architecto da Catedral de S. Paulo, de Londres, que sobreviveu milagrosamente aos ataques aéreos almães embora ficasse rodeada de ruínas. Todavia, está menos na memória de todos que foi o maior cientista do seu tempo com a unica excepção de Newton, cujas descobertas antecipou até certo ponto e a quem ele próprio tinha em grande estima.

De facto, foi só aos 41 anos de idade — em 1673 — que ele se dedicou à architectura e abandonou a ciência. Desde os bancos das escolas interessou-se intensamente pela matemática e pelas ciências naturais e continuou a estudar e a fazer experiências enquanto esteve na Universidade de Oxford. Descobriu, nessa epoca, um método de transfusão de sangue em animais — coisa desconhecida então. Esse método ainda hoje não é inteiramente obsoleto. Regeu a cadeira de astronomia em Oxford durante alguns anos.

Entre outras invenções de Wren há um instrumento de plantar, destinado a destruir por igual as sementes no solo, um método de fabricar água potável no alto mar, o emprêgo prático do barómetro para predizer o tempo, um instrumento para medir a pluviosidade. Fez experiências com o emprêgo da pólvora, para levantar pesos e dobrar molas, e com métodos para determinar a longitude no alto mar. Deduziu as leis do movimento e tomou medidas astronómicas, pela primeira vez, referindo-se a segundos, por meio de um par de lunetas ligadas de maneira especial. Foi fundador da Royal Society.



O carnaval de 1946 passou, sem deixar ficar registo de maior, na história lisboeta. Se não fossem as crianças, com a sua gentileza e a sua graça, dir-se-ia mesmo que ele não teria passeado nas ruas da capital. Salvaram-no as mascaras infantis, algumas de fino gosto, como esta evocação de «Henrique V», de Inglaterra, encarnado pelo filho do distinto clínico dr. Luiz Macieira, o menino Augusto Bobela Mota Macieira, de seis anos, que obteve o primeiro prémio no carnaval do São Luiz e no do Casino do Estoril

A MARINHA MERCANTE



A medida que o tempo decorre, começam a ser revelados alguns dos mais bem guardados segredos que foram conservados durante a guerra com uma persistência que as exigências da condução da luta amplamente justificavam. Um desses segredos diz respeito à acção de uma secção especial da marinha mercante da Grã-Bretanha a qual prestou assinalados serviços mantendo um contacto constante entre aquele país e uma das nações neutrais da Europa que, apesar da sua situação particularmente delicada, pôde, em mais de uma circunstância, prestar assinalados serviços à causa dos Aliados.

De resto é quase inútil acentuar hoje que a acção da marinha mercante britânica, ao longo de todo o curso da guerra, foi um dos factores que mais decisivamente contribuíram para tornar a vitória das Nações Unidas uma realidade ao fim de seis anos de luta sangrenta e exaustiva. Mas se, de uma maneira geral, essa corporação procedeu, ainda nas mais difíceis emergências, em condições de merecer todos os elogios, nada custa reconhecer que alguns dos elementos que a constituíam se excederam no cumprimento dos seus deveres indo além daquilo que legitimamente poderia exigir-se do seu esforço.

A história do serviço de comunicações que a Grã-Bretanha conseguiu sempre manter entre os portos da sua costa oriental e o pequeno porto sueco de Lysekil é das mais curiosas e reveladoras para se verificar até que ponto a

(Continua na página 30)



A tripulação diverte-se como pode, nos seus longos e perigosos cruzeiros. Um que saiba contar boas anedotas é sempre bem recebido, em qualquer grupinho



Um veterano das rotas do Ártico. O seu navio transportou muitos milhares de toneladas de material de guerra

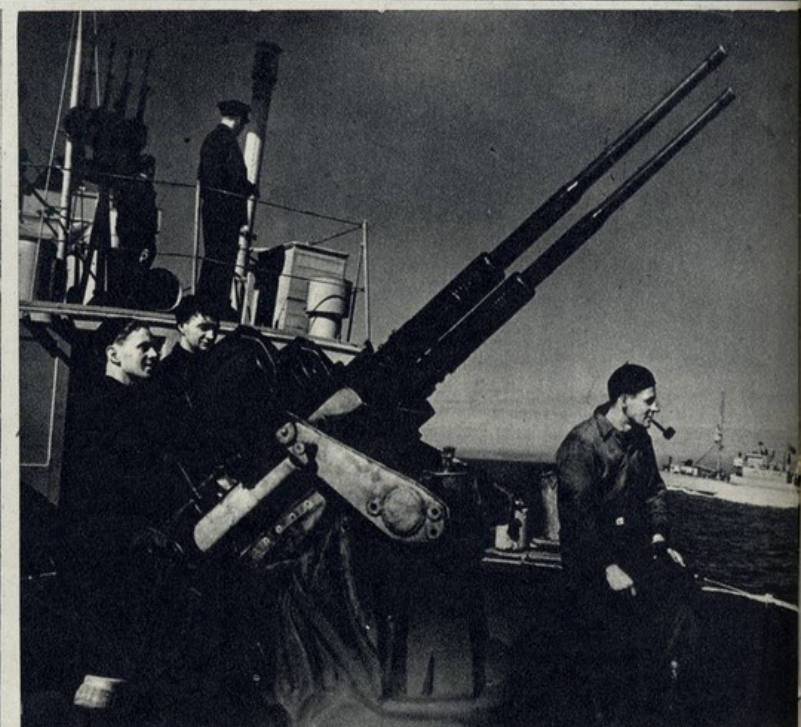


Na rota do Ártico, a caminho de Murmansk. Na esteira deste transporte, uma veloz unidade de protecção vai contra os submarinos inimigos

INGLÊSA DURANTE A GUERRA



O comandante de um contratorpedeiro de apoio, no seu posto. Deste comboio, nem um navio se perdeu



As metralhadoras pesadas anti-aéreas estão prontas a fazer fogo, mas a Luftwaffe está moribunda e nem um só avião inimigo aparece



Ao anoitecer os postos redobam de vigilância. Nas unidades de protecção certam-se mais em torno do comboio, não vá alguma surpresa colhê-lo



De facto, a Luftwaffe não ousa aparecer. E o metralhador da torre contempla, serenamente o mar

Com frequência, para não «perderem o pulso», os metralhadores fazem exercícios sobre alvos móveis

COMO O CINEMA COMEÇOU



TODAS as artes tiveram a sua infância, deram os primeiros passos. Uma não foram além do seu despertar; outras, porém, abriram amplos horizontes ao entendimento humano. Está neste caso o cinema.

Quem ainda se lembre da imprecisão das imagens animadas dos primeiros filmes, com suas tremuras na tela, seus métodos tentando dar realidade às coisas da vida, não deixará de sorrir desdenhosamente confrontando o progresso que atingiu hoje um filme colorido, com as manchas obscurecidas projectadas no quadrado do já esquecido «mudo».

As pessoas que, embora lamentando a velha recordação, se lembram desses tempos passados, devem sentir o orgulho de ser modernas.

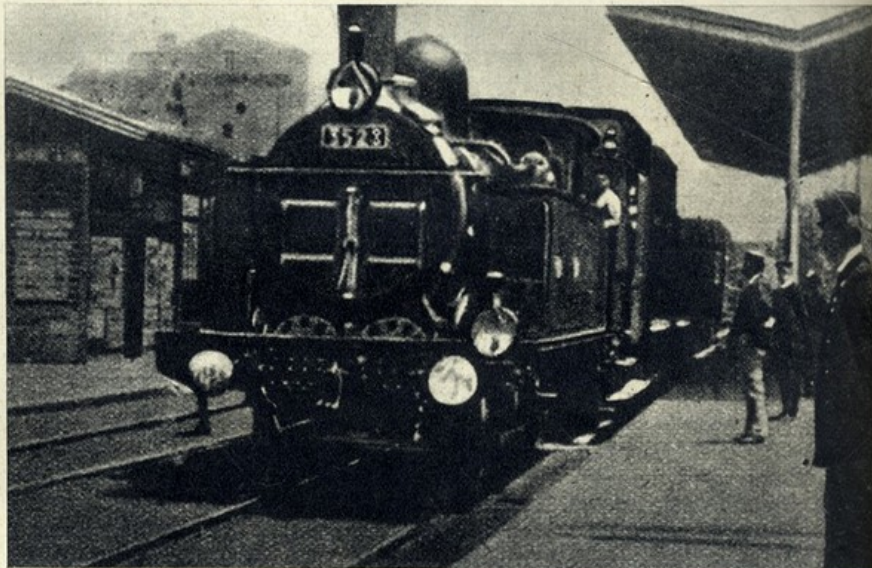
Que o destino nos livre do defeito de prestar culto ao que já não se usa. Mas, se a gente tocar um pouco na saudade que o tempo nos deixou, seríamos incineros se não confessássemos que, às vezes, nos recordamos daquelas ingenuidades do «mudo».

Ainda hoje, para os indivíduos que passam a vida a colecção factos que o tempo de há muito arrebatou, o

Depois de Jeanne d'Aley ter lançado a moda de casar com o seu director, em 1898, e haver realizado na tela uma celestial figura, Mary Pickford estabeleceu a moda da «estrela-idolo», o que lhe valeu o ordenado de vinte mil libras anuais



Dois «girls» notáveis em 1913: Mack Sennett e Glória Swanson. Esta última tomou parte no primeiro filme de Chaplin



O director de filmes, prestidigitador francês Georges Méliès, em «Mefistófeles», produção realizada em 1897. Realizou filmes durante vinte anos



O primeiro filme teatral apresentado em 1912 por Adolf Zukor, fundador da Paramount. Zukor adquiriu a uma firma francesa o filme «Queen Elizabeth», interpretado pela grande trágica Sarah Bernhardt



O primeiro filme francês da Gaumont. A comicidade da película é a tal ponto que um velho automóvel corta as pernas a um passeante e o médico... coloca-as outra vez. A fotografia ensina-nos o processo operatório

cinema das antigas «estrelas» que, aliás, eram mudas... talvez sintam saudades.

Tudo aquilo, dizem as pessoas antigas, era mais simples, mais silencioso. Admirava-se o talhe esbelto das protagonistas, e não havia que atender à sonoridade e outras complicações que o «falado», com toda a sua expressão de verdade sonora, por vezes se tornava mais estridente do que sonoro.

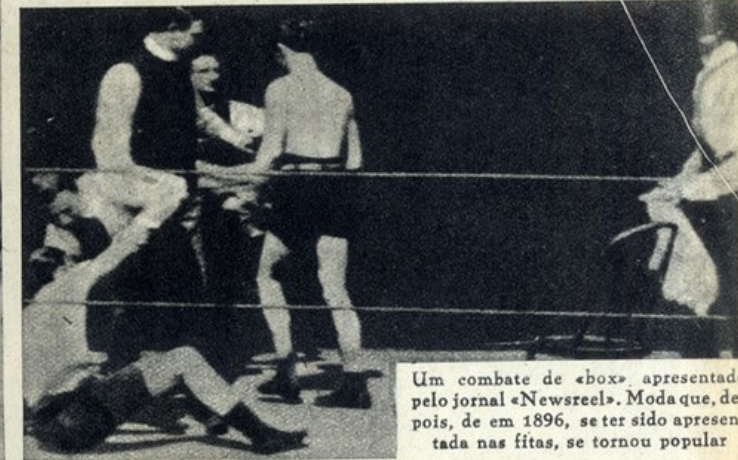
Mas esta opinião é de gente antiga — que via cinema como as crianças olhavam as sombras chinesas. Agora o caso muda muito de figura: há técnicos, críticos, especializados, sentenciadores ensopados de ciência cinematográfica. Já não é de bom-tom chamar-se-lhe animatógrafo, hoje, quem ingenuamente lhe atribuisse essa designação incorreria no erro de ser tido como antiquado. Modernamente é elegante chamar-se-lhe cine. Está mais «à la page», e assim é bonito.

Nós, contudo, temos opinião diversa. O mudo morreu. Bem sabemos que tudo o que morre deixa lembranças, mas é, pelo menos, tolice estar a carpirmos sobre coisas que não são dos nossos dias.

(Continua na página 29)



Os «bandidos» preparam um assalto a um comboio. A fita foi feita em 1903, custou 100 libras e rendeu 20 mil libras



Um combate de «box» apresentado pelo jornal «Newsreel». Moda que, depois, de em 1896, se ter sido apresentada nas fitas, se tornou popular



Um conflito de rua entre a policia e criminosos em Paris. Foi um dos primeiros filmes de Méliès. Apesar de haver começado com cenas muito simples, mais tarde verificou que o êxito das películas dependia do maior número de comparsas em cena

A GRANDE EXPERIÊNCIA DA GUERRA



Motociclistas do exército britânico que trabalham com o Real Corpo de Sinais. Todos os oficiais do exército britânico até à patente de brigadeiro são motociclistas competentes



Um paraquedista transporta a sua motocicleta ligeira em terreno difícil para alcançar a estrada



Comandos britânicos em França por ocasião do desembarque em Junho de 1944 com três prisioneiros alemães. Levam uma motocicleta ligeira na frente do «jeep»



A polícia britânica, montada em motocicletas, dirige o transporte do exército. Um cabo afixa um sinal indicando a estrada a seguir

A experiência adquirida durante a guerra está a ser aplicada na construção das novas motocicletas inglesas. Entre Setembro de 1939 e Junho de 1944 a indústria britânica da motocicleta forneceu às Nações Unidas 343.000 motocicletas, das quais 90.000 produzidas por uma única firma. De cada tres veículos que saíam das fábricas britânicas para os exércitos nos campos de batalha pelo menos um era uma motocicleta e com estas máquinas ia uma quantidade imensa de sobressalentes.

Foi depois da evacuação de Dunquerque em 1940 — na época em

AS NOVAS MOTOS INGLÊSAS

que a Grã-Bretanha se encontrou só — que foi lançado um apelo aos civis que possuíam motocicletas para as venderem ao exército. Milhares de motocicletas, abrangendo cerca de 30 tipos diferentes, foram assim adquiridos pelo exército. Quase todas as motocicletas britânicas empregadas na guerra europeia eram fundamentalmente de tipos civis e deram tão boa conta de si que os mesmos desenhos fundamentais foram utilizados durante toda a guerra. A única inovação de maior importância foi a adaptação de garfos dianteiros telescópicos com amortecedores hidráulicos, em uma das marcas.

Este tipo novo de garfo está sendo empregado em várias motocicletas construídas depois da guerra. As suas molas são melhores, é mais limpo e mais forte. Em outros pormenores apenas se fizeram aperfeiçoamentos de menor importância. O emprego destes mesmos tipos de motocicleta, em grande número, durante um período de seis anos e nas condições extremas da guerra moderna, forneceu à indústria da motocicleta informações preciosas que beneficiarão as nossas motocicletas civis.

Durante a guerra o exército e especialmente as forças aero-transportadas empregaram um grande número de motocicletas ligeiras. Estas também, em todos os pontos essenciais, eram máquinas de uma espécie de que podiam dispor os civis em 1939. Além de

serem empregadas pelas forças aero-transportadas ajudaram no saalto que partiu das praias da Normandia no dia D, a fiscalizar o desembarque de abastecimentos, em toda a espécie de operações na frente de batalha, e em todas estas tarefas não se registou uma única queixa sobre defeito de construção. Estas máquinas ligeiras terão provavelmente um largo futuro nos mercados civis do mundo. Podem dar uma velocidade de 40 a 45 milhas (64 a 72 quilômetros) por hora e, no exército deram um rendimento de 100 a 130 milhas (160 a 208 quilômetros) por galão (4,54 litros de gasolina).

E houve outra maneira em que os fabricantes britânicos de motocicletas alcançaram experiência valiosa durante a guerra. Apenas uma quarta parte das firmas que se dedicavam a essa indústria continuaram de facto a fabricar motocicletas. As outras têm estado a produzir grande quantidade de artigos diferentes precisos para a guerra incluindo alguns difíceis de produzir e que exigiam engenharia de precisão da mais elevada qualidade. Desta maneira a indústria da motocicleta alcançou maior habilidade e mais conhecimentos cujos resultados se verão nos novos modelos de produção. Entre os novos de dois cilindros com garfo telescópico hidráulico. Uma de dois cilindros capaz de dar a

que entrarão em breves meses há uma motocicleta de grande velocidade de 110 milhas por hora.

(Continua na página 29)



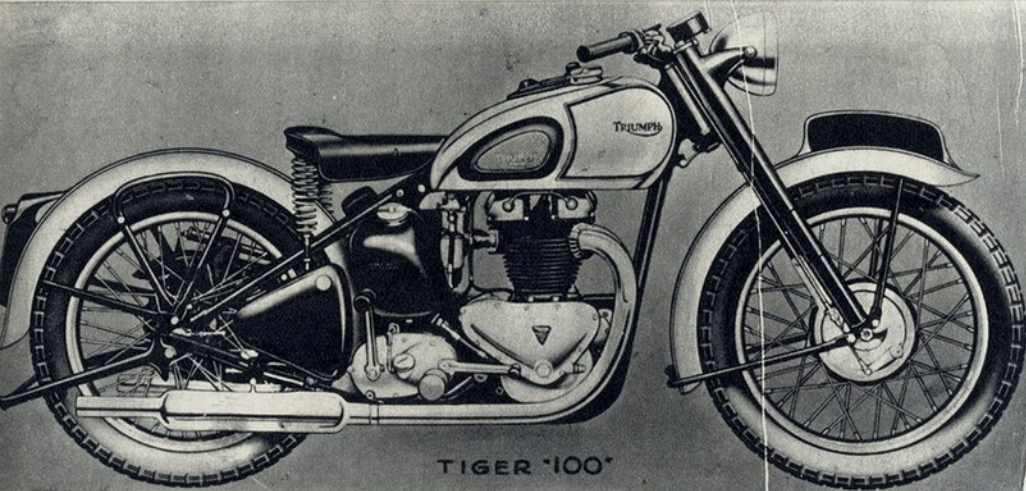
Espera-se que tenham bom futuro estas motos



O sr. Churchill, em Gibraltar. No primeiro plano uma das motocicletas pesadas empregadas no exército

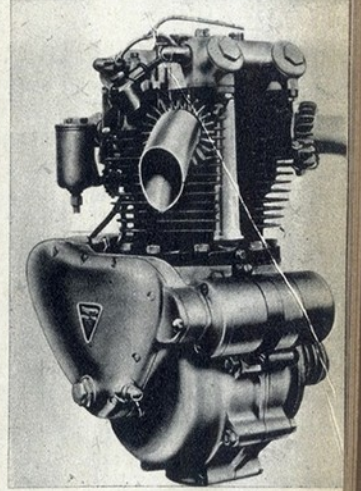


Uma formação de motociclistas do exército em exercícios em campo



TIGER '100'

Tipo de motocicleta com garfo dianteiro telescópico de amortecedor hidráulico.



O motor da primeira motocicleta britânica construída depois da guerra

O HOSPITAL REAL DE CHELSEA

NAS ruas de Chelsea, um bairro pitoresco de Londres, que fica à beira do Tamisa, vêem-se muitas vezes uns velhos, vestidos de sobre-casacas vermelhas. São os pensionistas de Chelsea, os velhos soldados que vivem no Hospital Real. O exército permanente da Grã-Bretanha formou-se em 1660. A partir desse ano passou a ser alistado como soldados profissionais homens que eram os melhores anos da sua vida ao serviço da pátria, exercendo, por esse motivo, o direito a alguns cuidados e benefícios na sua velhice, no caso de ficarem sem ninguém para cuidar deles.

Em 1681, o pagador geral das forças imaginou um plano segundo o qual todos os oficiais do exército contribuiriam em um dia de soldo por ano para ajudar os velhos soldados. Receberam-se também do público algumas contribuições voluntárias. Em 1682, o rei Carlos II assentou a primeira pedra do Hospital Real, em Chelsea, para servir de asilo aos velhos soldados. A sua construção terminou dez anos mais tarde. Hoje, vivem no Hospital mais de 500 velhos veteranos que são fornecidos uniformes, alimentação, mobiliário, cuidados médicos e um pequeno subsídio para despesas pessoais.

O Hospital Real teve a sorte de ser construído numa das zonas áureas da arquitectura britânica e de ter como arquitecto Sir Christopher Wren, que superintendeu na sua construção. Poucas alterações e acrescentamentos se lhe fizeram, de então para cá.

O edifício principal compreende o pátio central, fechado a leste e a oeste pelas duas alas onde estão alojados os velhos soldados e, do lado norte, pela capela e pela sala grande. No meio do pátio central ergue-se a estátua do rei Carlos II, o fundador, uma das poucas que se devem a Grinling Gibbons, celebre escultor britânico. Em frente da estátua, vê-se um pórtico imponente ladeado por arcarias cujas paredes estão em parte apaineladas de carvalho e contém quadros e placas comemorativas, de cobre. A capela também está apainelada de carvalho velho e o altar tem um retábulo ricamente lavrado, com colunas, assim como um gradeamento lavrado. Estão ali muitos estandartes capturados. A sala Grande, que até 1814 serviu de refectório do Hospital, é agora a sala de leitura e de recreio.

Cada uma das alas contém oito salas compridas, todas dispostas da mesma maneira, com um corredor ao centro e uma janela de cada lado. Cada internado dispõe de um cubículo próprio que se parece muito com o camarote de um navio, com a diferença de que, ao lado da porta, tem uma janela com cortina de madeira e uma cortina correndo a meia altura. Os velhos gostam de ornamentar as paredes dos seus cubículos com fotografias e recortes de revistas ilustradas. São eles quem trata da limpeza dos cubículos a não ser que estejam fisicamente incapacitados de o fazer. Belas escadarias de carvalho conduzem às salas dos andares superiores. Têm degraus baixos, pois foram construídas para serem utilizadas especialmente por homens de idade, muitos dos quais feridos em combate.

Em contraste com os apainelamentos de madeira velha, as cozinhas têm o apetrechamento mais moderno. À hora das refeições, uma longa fila de velhos dirige-se à cozinha para buscar a comida destinada à sala. Cada sala tem um «servidor» a quem compete levar as refeições para a sala respectiva.

Alem de executarem muitos pequenos trabalhos no Hospital, os pensionistas têm os seus jogos, como por exemplo o bilhar na Sala Grande e uma espécie de laranjinha jogada sobre a relva, enquanto muitos gostam de tratar de pequenos jardins pessoais. O parque hospital é extenso e compreende os jardins de Ranelagh, celebre centro de divertimento do século XVIII. Estão agora constituídos por relva, árvores copadas e moitas, mas o local da velha sala de baile ainda se reconhece por uma ligeira elevação de terreno. No parque, a oeste do edifício principal, está a enfermaria.

No dia 29 de Maio de cada ano efectua-se a festa de gala do Hospital quando os pensionistas, envergando os seus uniformes de gala, formam em parada em honra do fundador, o rei Carlos II. Ornamenta-se a estátua do pátio central com ramos de carvalho, recordando o episódio em que o rei se escondeu numa dessas árvores para escapar aos seus inimigos, durante a guerra civil em 1651.

Durante esta última guerra o Hospital sofreu estragos das bombas lançadas por aviões, de bombas voadoras e de foguetes V-2, mas as suas tradições permaneceram inalteradas. Ainda hoje, no dia do fundador, os velhos soldados envergam os seus uniformes de gala — o sobre-casaca vermelha e o chapéu de tres bicos são idênticos ao que se usava no século XVII, embora os calções, as meias e os sapatos tenham sido substituídos por calças e botas. Os edifícios do Hospital avariados, por bombas, estão sendo reconstruídos cuidadosamente no estilo original, empregando-se sempre que seja possível os tijolos e a cantaria primitivos.



Frente sul do Hospital Real, como está hoje



Um velho soldado passeia na arcaria



A frente sul, vendo-se velhas peças de artilharia



A sala grande



Bela escadaria de carvalho



O velho relógio da sala grande



A cozinha. Tem bom apetrechamento moderno



Uma das salas que servem de habitação. Os cubículos dos pensionistas estão à direita



Um pensionista, no seu cubículo ornamentado com fotografias e recortes de ilustrações



Pensionistas à espera de consulta médica. A enfermeira toma o pulso a um



Os pensionistas podem ter jardins próprios e vender o que lá produzem para seu proveito



Pensionistas a jogar sobre a relva. O jogo parece-se com a laranjinha



Parada de gala, no dia do fundador, o rei Carlos II. Em honra dele e do actual rei Jorge VI, dão três vivas



O S cães de São Bernardo têm uma legenda secular. São os melhores alpinistas do mundo e nenhum animal os iguala em actos generosos de salvação humana.

São fortes, corpulentos, sóbrios e valentes, e pertencem ao convento de monges Bernardos situado num dos montes mais altos dos Alpes, entre a Suíça e a Itália. Na companhia dos bons monges e, nas alturas, parecem estar mais perto de Deus, os famosos cães são, admiravelmente, treinados para a vida dura e perigosa das montanhas. Todas as suas qualidades são, harmoniosamente, desdobrados de que resultam exemplares aptos para os mais variados serviços da neve.

Diz-se que, no convento, se fabrica um cordial de virtudes raras, o mesmo que os animalzinhos levam num barrilzinho preso à coleira. Quando o turista perdido nos gelos divisa o vulto escuro de um São Bernardo, já sabe que é a salvação. Se está tombado no meio do lençol algido, ou mesmo já enrodilhado no manto branco da neve, os cães aproximam-se guiados pelo seu fôro maravilhoso, e, aquecendo o rosto do desfalecido com o bafo reanimam-no. A vítima reunindo as últimas forças destapa o barril e bebe o cordial misterioso dos monges, que lhe insufla nas veias uma energia desconhecida.

(Continua na página 30)

Um cruzeiro solitário na montanha gelada. O monge com os seus esquis, no contraste da neve com as suas vestes negras, fez a ronda diária.



Os cães do Mosteiro



Um magnífico exemplar de cão de São Bernardo. Os seus olhos reflectem como que a consciência da sua missão, nos gelados cumes alpinos

Um guarda do mosteiro, regressa com os seus dois cães. Ninguém neste dia precisou do seu auxí



O cão aquece o alpinista, perdido na neve, com o calor do seu pêlo espesso, enquanto o monge procura reanimá-lo com uma bebida



Exploradores da montanha aventuram-se aos maiores perigos porque sabem, invariavelmente, com o socorro pronto e seguro dos cães do mosteiro



Óculos fortes são necessárias. Ninguém se atreve a subir às montanhas sem elas



Entre a vítima da neve que o animal encontrou e salvou indo buscar o monge para prestar-lhe socorro

O repovoamento florestal da Grã-Bretanha



Graças ao trabalho da Comissão Florestal, vales outrora abandonados são agora férteis e abrigados por matas dos montes visinhos

reparar os estragos da outra guerra. Durante os seus 26 anos de existência ela adquiriu cerca de 500.000 hectares de terreno dos quais 200.000 foram plantados com árvores, mas foram plantados tarde demais para terem utilidade durante a segunda guerra mundial.

A Comissão já esboçou o seu programa de recon-

strução. Durante os próximos 50 anos pretende ela aflorestar 2.000.000 hectares de terreno.

A área actualmente ocupada pelas florestas da Grã-Bretanha, tanto boas como más, é de 1.200.000 hectares. A Comissão acha que 800.000 hectares destes terrenos devem ser cultivados mais intensamente e que deverão adquirir-se mais 1.200.000 hectares. Este terreno novo deverá ser constituído, tanto quanto possível, por descampados onde nada se dê a não ser árvores, de maneira a não ocupar terras precisas para a agricultura.

As florestas actualmente pertencentes a particulares continuarão na sua posse e serão concedidos subsídios aos proprietários que se comprometerem a alargá-las.

O programa da comissão pode implicar o emprego de mais de 50.000 mateiros competentes além de muitos arboricultores peritos, agentes florestais e capatazes.

Os cientistas britânicos estão a colaborar com os arboricultores num esforço para conseguir o máximo da produção de madeira num mínimo de tempo.

Prosegue-se constantemente na investigação relativa a fungos, insectos e animais daninhos, parasitas etc. Fazem-se experiências para descobrir a qualidade relativa das sementes oriundas de várias localidades. Uma inovação recente é o emprego da Colchinina, um produto extraído do açafrão de outono, que se descobriu ter a propriedade de apressar o crescimento e aumentar o tamanho das árvores. Descobriu-se um método de tratamento das sementes antes de serem plantadas. Outra possibilidade, sobre a qual os cientistas britânicos investigam, é a de ensinar as árvores a procurar os seus próprios alimentos aplicando-lhes compostos especiais enquanto estão no viveiro. As experiências parecem demonstrar que as árvores tratadas desta maneira são capazes de imbeber alimentos através das suas raízes em terreno relativamente árido e crescem melhor do que as testemunhas não tratadas.

A Grã-Bretanha possui um clima bom para as árvores. As suas espécies indígenas — os carvalhos e as faias, os pinheiros da Escócia e muitas outras — não tem rival e ela adoptou além disso árvores de muitas outras espécies oriundas de todas as partes do mundo. No entanto, por muito boas que sejam as condições naturais, não se pode permitir que florestas de valor cresçam à sua vontade. Têm que ser cuidadas constantemente para se não transformarem em matas densas e, na Grã-Bretanha, este trabalho é dirigido e executado em grande parte pela Comissão Florestal.

Hoje, a Comissão Florestal da Grã-Bretanha tem à sua frente a tarefa da reconstrução.

Pode fazer-se uma ideia de quanto se exigiu durante a guerra às florestas da Grã-Bretanha quando se lembrar que, antes do mês de Setembro de 1939, a Grã-Bretanha importava 95% da madeira que precisava e que, durante a guerra, foram as suas florestas que tiveram de fornecer 80% das quantidades muito maiores de madeira exigidas pela guerra. Esta tremenda contribuição da parte das suas florestas fez-se mas o seu custo foi enorme.

Áreas enormes foram completamente desnudadas. Nenhuma das grandes árvores mães pôde ser poupada para abrigar as arbúsculas acabadas de plantar, para conservar o solo e dominar as erva ruins, e é preciso lembrar que foi esta a segunda vez que se exigiu às florestas britânicas um esforço tão grande. Foi de facto em 1919 que a Comissão Florestal foi criada para



Descampados como este, onde nada cresce, senão árvores, são os terrenos que a comissão adquire para florestamento



Funcionários da Comissão florestal estudam no mapa a localização de novas plantações.



Quando as plantas têm dois anos de idade mudam-se para outros viveiros



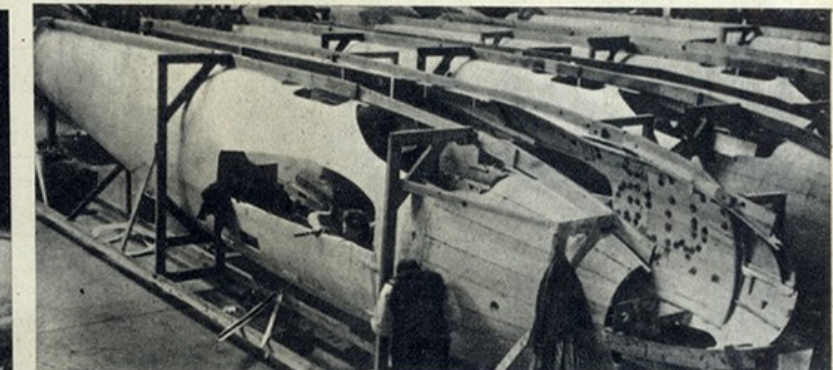
A plantação toma forma. Estas árvorezinhas já resistem às intempéries



Os agentes florestais vivem em pequenas herdades mantidas pela Comissão



Um guindaste coloca troncos em posição para serem serrados



Fuselagens do bombardeiro Mosquito numa fábrica. O spruce, madeira muito utilizada para a fabricação de aeroplanos, dá-se bem na Grã-Bretanha



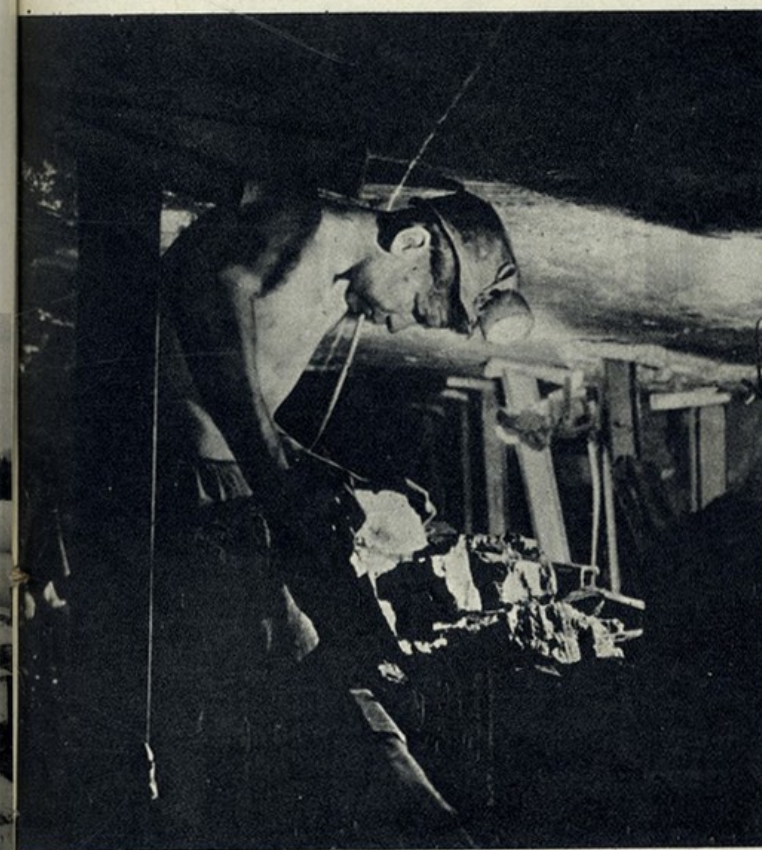
Tem-se levado a cabo muito trabalho de investigação e laboratorial. Um patologista estuda um exemplar de pinheiro da Córsega



Preparação das sementes para plantação. As sementes são primeiro postas de molho, em água, depois secadas e, em seguida, tratadas com zarcão



As sementes são plantadas em viveiros abrigados do vento por anteparos de lona. Protege-se o terreno com uma camada de areia que deixa, porém, passar a água da chuva



Há uma procura constante de escoras para as minas de carvão na Grã-Bretanha. Podem ser fornecidas em grande parte pelo desbaste das florestas



O Carvalho e a faia, oriundos da Grã-Bretanha, são as principais madeiras utilizadas para o fabrico de mobília

O CRIME DO MAGNIE CLUB

(Continuação da página 2)

ram em entregar-lhe a ruína da casa pela renda nominal de um xelim por ano. (Esc. 5\$00).

«Mas está claro que não podemos fazer quaisquer reparações», disseram eles.

«Não se preocupem, — foi a resposta. — Os sócios do clube farão as reparações».

E assim se formou o clube conhecido na localidade pelo nome de «Os Miudos do Camêlo», limitado a cem sócios que pagavam a quota de um dinheiro por semana (\$40). Estava aberto das 16,30 às 19 todos os dias, excepto aos domingos, e abria durante todo o dia aos sábados e dias feriados.

Os sócios fizeram as reparações com o auxílio de alguns adultos. Pintaram as paredes, consertaram os sobrados esburacados, as portas e as janelas, limparam o jardim dos escombros e trataram de pôr o telhado em condições de não deixar entrar a água da chuva.

Como o fim do clube era servir de lugar de descanso, de jogos e de recreio depois das horas escolares, à semelhança do que as crianças têm em casas mais espaçosas, insistiu-se em certos factores. Deu-se-lhe espaço e liberdade para se mexerem à sua vontade, oportunidade para se entregarem a passatempos predilectos e para se entreterem uns com os outros. Destinava-se a ser um centro de recreio para as crianças em que elas tivessem a impressão de serem os dirigentes.

No «Camêlo» há três andares. Onde era antes o bar da taberna está agora a cantina que aproveita o balcão ainda existente. Está a um canto junto do fogão. Meia hora antes do clube fechar, isto é às 18,30, revezam-se duas crianças a preparar e a fornecer aos freguezes refeições ligeiras e refrescos, conforme as ordens recebidas dos mesmos freguezes, sendo as filhas um prato predilecto. Incidentalmente todos os miudos gostam d'êste trabalho e rivalizam uns com os outros para conseguir as mais elevadas cifras de negócio.

Cultivando os passatempos

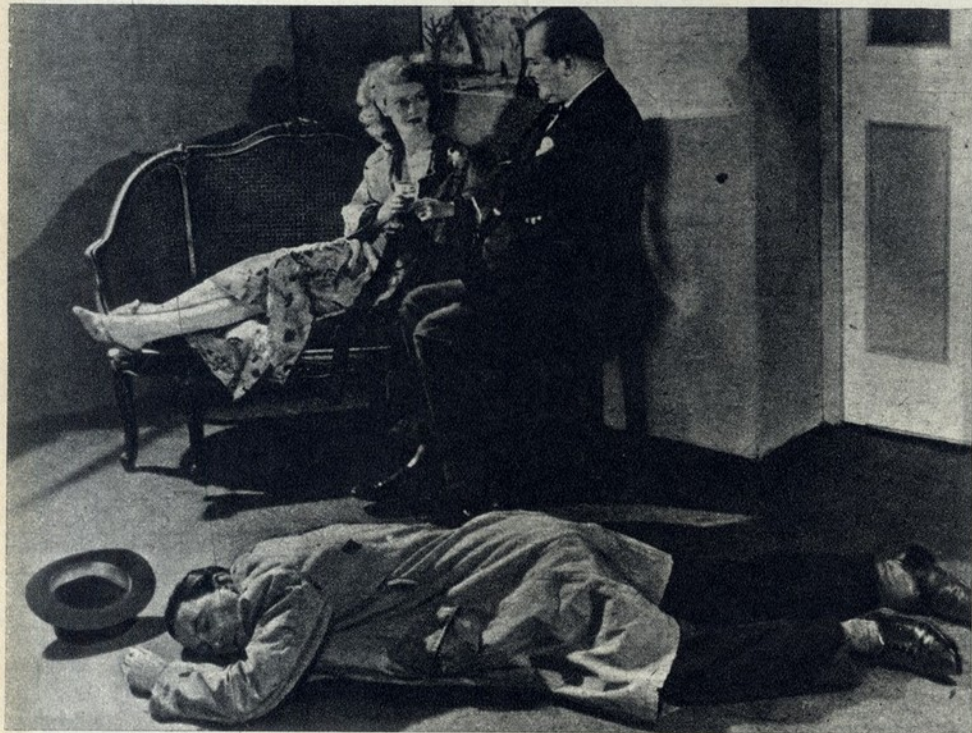
Um outro bar foi transformado numa oficina de carpinteiro onde os rapazes com a mania das ferramentas podem estragar boa madeira e cortar os dedos até se cansarem. Também há uma sala especial para leitura ou para estudo ou para jogos sossegados, uma sala especial para crianças que se entreguem à pintura ou desenho, onde aparece um artista profissional algumas vezes por semana para lhes dar conselhos, salas para outros passatempos, para o fabrico de brinquedos, de loiça de barro, de vestidos para bonecas e de qualquer coisa em que as crianças se interessem. Uma sala comprida está arranjada com cortinas numa extremidade para formar um palco onde se desempenham

(Conclue na página 29)



NA peugada de um indivíduo suspeito de estar implicado num recente roubo de joias, o inspector Cobbe foi levado ao *Magnie Club*. Jake Lew, o proprietário, que chegou momentos depois, asseverou ao inspector que o homem em questão não fora visto nas redondezas nas últimas semanas. Jake dirigiu-se aos seus aposentos enquanto o inspector observou distraidamente o chão.

DEZ minutos depois, um criado que levava aos aposentos de Jake um telegrama, encontrou Lois, uma das coristas, atada e amordaçada, e no chão, a pouca distância, Jake estendido e morto com uma punhalada pelas costas. Imediatamente avisou o inspector que se dirigiu aos aposentos de Jake. Vendo que nada havia a fazer à vítima, desatou Lois e ouviu as suas declarações.



— VIM falar a Mr. Lew por causa do meu novo contrato. Quando entrei, um homem mascarado, miseravelmente vestido, ameaçando-me com um revólver, amordaçou-me e amarrou-me à cadeira. Feito isto, colocou-se atrás da porta e esperou.

Quando Mr. Lew entrou, atirou-se sobre ele cravando a faca nas costas. Creio que perdi nessa altura os sentidos porque não me lembro de mais nada. Examinando as algibeiras da vítima, o inspector Cobbe encontrou dinheiro, um molhe de chaves, cigarros e um isqueiro. Lembrou-se ainda de que Jake era considerado em Londres como um ás do tráfico de estupefacientes. Saria uma quadrilha de assassinos. Cobbe ignorava. No entanto tinha a certeza absoluta que Lois desempenhara um papel importante no caso.

PORQUE TINHA A CERTEZA?

(Ver a solução na página 30)

ESPIRITUALIDADE



Maravilhosa esta hora de espiritualidade. Não é uma figura literária mas um caso concreto de romantismo. O que diria, por exemplo, Vargas Vila? Não, ela não é a Nemezis dramática e fatal, mas uma graciosa burguesinha, que se sente bonita, um nadinha triste, mas não muito, no vão dos seus pensamentos. Na sua pele carinhosa este Kimono chinês, dourado sumptuoso, é mais que uma reminescência do Oriente. Uma evolução tão frágil e delicada como um vaso de porcelana da família Tang. O resto será composto conforme a fantasia do leitor quiser



Um grupo de crianças inglesas interpretando danças populares portuguesas

FOI uma festa encantadora aquela que, recentemente, se realizou, em Londres, no Rudolf Steiner Hall, organizada por Mrs. Lucille Armstrong, grande admiradora dos costumes e do folclore português, com a colaboração de Miss Lalagia. Um grupo de crianças inglesas ensaiou vários números das mais características danças populares portuguesas na Real Academia de Dança e, graças aos esforços de Miss Violet Alford, que preparou o espectáculo, o recital em Rudolf Steiner Hall resultou um grande acontecimento na vida artística de Londres.

A própria Mrs. Lucille Armstrong apareceu rigorosamente vestida de minhota e acompanhou os seus pequeninos discípulos em todas as interpretações, que arrancaram entusiásticos aplausos à assistência, onde se viam muitos elementos da colónia portuguesa da capital britânica.

As fotografias que ilustram esta página dão alguns aspectos da simpática festa, que, certamente, muito contribuiu para ainda mais estreitar o intercâmbio artístico entre os dois seculares allados.



Mrs. Lucille Armstrong dando instruções dos seus pequeninos discípulos, antes do recital

Folclore português em Londres



Mrs. Lucille Armstrong, no seu traje de minhota. Foi ela a inspiradora do recital

Um «vira» dançado por Caroline e Anthony Jarvis, George Armstrong, Christian Grotian e Susan Ward

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM



Eles voltaram de outras latitudes, vencedores de muitos combates. Ela também ajudou a derrotar Luftwaffe, na Batalha de Londres

vos e nos casacos ou capas. E na *robe-manteau* cujo sucesso se mantém. Pequenininhos desenhos clássicos, entrelaçamento de cores: verde, framboesa, amarelo, ferrugem.

Golas

Sobem, sobem cada vez mais desde que Schiaparelli lançou a gola à Talleyrand metendo nela o queixo. Gola Incroyable e romântica, gravata bem armada. Ou a direita, pequena, seca que tanto aparece no fato alfaiate da manhã como no vestido de baile, para raparigas.

Linha direita

A roda já se usa há muito. E justo que os costureiros pensem em coisas absolutamente contrárias às já vistas. Portanto, eis a reacção: quase a travadinha. E para que a desproporção não desequilibre a silhueta, os ombros mostram-se menos volumosos. Mangas mais travadinha com o desafiado de *catch-as-catch-can* em que todos os dias é preciso entrar... para subir ao eléctrico?!...

Decote

Variadas formas: trapézio, V., pontegudo mas alargando dos lados, coração, açafate, quadrado, em barco, drapeado. Tudo isto nos vestidos de chá e nos curtos que podem ir ao baile.

À nossa casa

Aquecimento central

Toda a gente está de acordo em que o radiador do aquecimento é um objecto muito feio, não é verdade?

Portanto, é preciso escondê-lo, disfarçar, camuflá-lo de qualquer maneira.

Os ferros forjados são bons para tal efeito. E os armários-estantes, as prateleiras-rádios, a chaminé autêntica onde se não vêem as chamas mas se sente a reconfortante temperatura.

Este *tapa-radiador* deve ser um móvel simples que não atraia atenções; executado em material incombustível ou indeformável sob a acção do calor, estará em harmonia com o estilo geral do mobiliário.

A melhor situação é sob uma ampla janela ou entre varandas, onde se possa gozar o panorama sem que o frio incomode. Torna-se, deste modo, a recuperar a paisagem que, durante o inverno, se julgou perdida.

Sob o seu benéfico calor, em face da janela aberta sobre o horizonte, como é agradável colocar a poltrona predilecta, o telefone, o livro começado, a cesta do *tricot* a jardineira florida, a mesinha onde se vai escrever certa carta para longe...

As noivas modernas

Actualmente o rigor das praxes está muito atenuado pelas dificuldades da vida... A noiva, comprando também móveis e outros artigos para a casa, mostra que é moderna e desprezida de preconceitos. Entra para a sociedade conjugal com iguais direitos e deveres. Sabe, também, quanto lhe custou a «pôr a casa» o que será razão de peso para mais a estimar...

Tirando as peças de uso individual, tudo o mais pode ser comprado pelos noivos dentro das possibilidades monetárias de cada um.

Directrizes para a Primavera

Casacos direitos

Soltos e curtos ou contornando as ancas, fazendo-se em tons vivos sobre saias escuras. Verde, encarnado, branco, amarelo torrado. Saia preta.

Drapeado nas ancas

Abaixo da cinta que conserva toda a sua finura numa linha Tanagra, muito elegante. Franzidos transversais, drapeado horizontal, a faixa que se enrugará facilmente... Feitio que tanto se pode tratar em lã como em veludo ou jérsei e tanto nos vestidos compridos como nos de tarde.

Ombros

Não são rígidos, mas as ombreiras postizas continuam. Mais arredondados e suaves. Cortes: glam, quimono e clássico.

O tweed

Volta a ter a voga antiga nos *tailleurs* desportivos.



Um casaco para os últimos frios, com um «chapeu-linho» a dizer



Um vestido de meia-estação, a que as linhas simples dão rara elegância



PÓ D'ARROZ

nally



ADERENTE • LEVE • PERFEITO

ÊÇA DE QUEIROS

(Uma estética da ironia)

de Mário Sacramento

O estudo crítico que o sr. Mário Sacramento acaba de publicar em tomo foi apresentado aos «Jogos Florais da Universidade de Coimbra», e obteve o «Prémio Oliveira Martins».

Trata este volume do sr. Mário Sacramento do significado estético e da ironia contidos nas páginas de Êça de Queiros. O autor expõe com clareza e grande soma de exemplos, estudando passos da obra do romancista de «Os Malas», os seus conceitos críticos. E, devemos dizê-lo, fá-lo com lúcida visão comentadora.

Este livro é mais um valioso estudo para esclarecimento da personalidade literária do escritor. Êça continuará ainda por muito tempo a ser motivo de estudo. A complexidade da sua maneira, não diremos da sua expressão literária, mas, sim, das suas posições em face dos indivíduos e problemas da época em que viveu, tornam-se fonte inesgotável de análise. Aliás, o facto dá-se com todos os escritores cuja mentalidade se projecta para além do seu tempo. E, quer nos pareça, Êça de Queiros continuará ainda a sugerir aos estudiosos elementos e subsídios tendentes a aumentarem a sua já longa biografia.

A volta do seu nome literário, das influências, sugestões e de outras particularidades que exerceram domínio sobre o romancista, muito se tem escrito. Apesar de várias opiniões, aliás, nem sempre concordantes no que diz respeito à sua arte, uma coisa é indiscutível: o seu génio literário. Tudo nos indica que sem esses pormenores que dão enanchas aos críticos para dele se ocuparem, não seriam possíveis críticas visto o autor de «O crime do padre Amaro» não ter sido um romancista semelhante a tantos outros.

Quando um grande artista é merecedor de longos e desenvolvidos comentários críticos é porque a sua obra despertou nos seus julgadores um desejo de compreensão e de interesse.

É esta circunstância que, após tantos nos decorridos, prende os críticos e os faz meditar sobre o valor da sua arte. Pois o facto reflecte a maior virtude que a sua obra encerra — ser discutida e estudada ao cabo de muitos anos; o que nos vem provar que as ideias do artista venceram o tempo.

A edição de «Coimbra Editora», de «Êça de Queiros» (uma estética da ironia), é de cuidado arranjo gráfico.

Prevenção amiga

LEMOS de quando em quando esta notícia alusiva a competições desportistas: «realiza-se entre os Clubes X e Y um desafio amigável».

A indicação é simpática; pois não faz sentido que um desafio, embora entre futebolistas, não seja amigável.

E porque assim é, ou se convencionou que seja, parece-nos desnecessária a prevenção. Até porque anunciando-se desafios amigáveis implica imediatamente a suspensão de que outros se efectuem sem quaisquer sentimentos amistosos.

Medida desejável

Anunciaram há dias os jornais que foram exportadas 3.000 sanguessugas.

Tão grande quantidade de anélitos vai decerto minorar o sofrimento a muitos doentes.

Três mil sanguessugas a menos, tantas foram as exportadas, sempre é um alívio

ONTEM E HOJE

DOR AUGUSTO RICARDO

PERSONAGENS

«Um homem»

O último número de «A Voz do Operário» publicou um artigo de Alexandre Vieira acerca da figura moral e intelectual do Poeta do «Ar livre».

O escrito intitulava-se «Um Homem» — o homem, coerente com os princípios que sempre, desassombadamente, defendera era Afonso Lopes Vieira.

Alexandre Vieira foi justo perante a figura recordada, e não ficaria mal se a sua prosa clara fosse encimada por esta designação: «Dois Homens».

Claro que pela digna modéstia do articulista não era este quem assim a poderis intitular. Mas, afirmamo-lo nós que convivemos com o Poeta e, ainda, felizmente, mantemos com o peneirista cordiais relações de honrosa camaradagem.

Já neste lugar traçamos umas prosas descoloridas animadas por espírito de justiça, aquando da morte do poeta. Eram, porém, desvaliosas; pois representaram, tão somente, uma obscura opinião pessoal.

Agora, porém, é Alexandre Vieira — um Homem, também, que vem com a pureza do seu carácter que todos, quer queiram, quer não, têm de lhe reconhecer, lançar sobre a memória do «adversário» o mais nobre testemunho de dignidade individual.

Nem tudo quanto por si diz, faz, escreve e sentença, é desvergonha.

A dignidade, dizem, parece ter caído em desuso. Nós, no entanto, em face de raros exemplos, acreditamos que quem divulga semelhante opinião, nunca entendeu uma das mais belas expressões de sentimento individual — o carácter.

CONFRONTO

Antologia de escritores modernos

DIRIGIDA pelo sr. Manuel Breda Simões apareceu em publicação de Coimbra Editora, um volume de cerca de trezentas páginas, que inclui produções de vários escritores a quem o colecionador chama modernos, se bem que nem todas os escritos possam ser, com justiça, incluídos na designação de autores modernos, visto que muitos deles não são propriamente da moderna geração.

O facto, porém, não altera o valor das produções inseridas no livro.

Pearl Buck e Garcia Lorca, por exemplo, não fazem parte da nova camada literária. Todavia, serão talvez mais do que modernos — pois são de todas as épocas, apesar de não obedecerem a recentes receitas literárias.

Uma outra observação nos sugere e tomo «Confronto»: nem sempre o juízo acerca de um autor, principalmente para quem não conhece e toda a sua bibliografia, poderá ser perfeito. Buck, Auden, Lorca, Neruda, têm vasta obra, e tão diversa, que facilmente a grandesa do seu espírito cabe numa composição por mais escolhida que este seja.

Fragmentos de obras dão-nos muitas vezes a ideia de mutilação.

PIRANDELO escreveu, entre outras obras notáveis, uma deliciosa comédia que todos conhecemos e a que o inovador da arte dramática deu o título de «Seis personagens à procura de um autor». O título é estranho, devemos convir. Mas se assim não fosse, as ideias que a farsa contém não se tornavam tão evidentes e talvez o público não notasse a profundidade filosófica que a obra encerra. Todavia, o título é já de si profundamente humano e reflecte um aspecto da existência de muita gente.

Nem sempre, é certo, as personagens procuram um autor mas, sem intenção forçada e grosseira de trocadilho, todos os autores procuram personagens. O que para muitas pessoas é obra de difícil realização, torna-se quase sempre de uma primitiva facilidade, pois as personagens estão, a mór das vezes, dentro de certa complexidade psicológica e até próximas dos seus hábitos.

Quando o dramaturgo se serve de determinadas subtilidades filosóficas ou literárias é capaz de estar a rir, não diremos de si próprio, mas, sim, dos disparates alheios. Deste modo, por um fenómeno reflexivo, os alvejados riem, sem dar por isso, de si mesmos. Parece-nos que o facto já vem de longe.

Show tem numa peça sua este fragmento de diálogo:

— Você é um charlatão.

— Que! Que diz?! —

— Repito: é um charlatão.

— Tem graça — retorquiu o insultado — é essa a opinião de toda a gente a meu respeito.

No entanto raras pessoas se revêm na alusão sarcástica.

Neste caso, aliás, vulgar em teatro, não são as personagens que procuram o autor: é este que as descobre. Se elas nem mesmo assim reconhecem as maldades, os erros e as inferioridades que ocultam, a culpa não deverá ser atribuída a quem fez delas modelo. O autor bem quis que os titores da vida o procurassem; mas se não fosse o seu génio eles não davam um passo para a consagração das próprias deformidades que os condense, vaidosamente, por um falso mundo de preconceitos.

Pois, essas personagens, nem mesmo pintadas ao vivo, dão pela estupidez de que são espelhos.



Raparigas inglesas que se empregam no duro mister de serer troncos de árvores

UMA ORAÇÃO DO ARCEBISPO DE NOVA-YORK

E' curioso recordar a oração congratulatória, pronunciada pelo cardeal Francis J. Spellman, que, recentemente passou por Lisboa,

«Oh Deus do Destino, a nossa nação, ainda sangrando das suas feridas da guerra, agradece-te a vitória desta hora, ganha pelos nossos valorosos mortos, pelo sangue dos nossos soldados, pelo pranto do nosso paiz. Não estivemos sós quando andamos às apalpadelas pelas trevas da guerra. Quando levantamos o cálice e recebemos a óstia sagrada estavas connosco, Senhor, e nós Contigo.

Oh Deus da Misericórdia, tornaste-nos o Teu escudo e a Tua espada, quando nações bárbaras se levantaram contra nós. Salvaste-nos graças ao Teu poder que preside a justiça, pela Tua compaixão pelo nosso sofrimento.

Oh Deus das Nações, que construíste esta num imenso deserto, verificando-a com o sangue de muitos povos.

Proveste-nos, nesta terra escolhida, com as riquezas da terra. Transformaste-nos numa nação poderosa e amante da paz, ainda que terrível na guerra.

Oh Deus da Lei, as Tuas leis são a força que rege o planeta e as plantas, dispondo tudo com sabedoria e nobreza. As Tuas leis são a luz que guia os corações e os pensamentos dos homens. Graças às tuas leis, as nações como os homens tem época de esplendor e declínio, pois colhem pela medida do que semearam. Não serás escarnecido, oh Deus da

Lei. Fazei-nos conhecer e obedecer o Tua vontade.

Oh Deus da Justiça, não Te arrependas de nos teres transformado num instrumento da justiça, sacrificando e derramando livremente o nosso sangue para refrear a ambição das Nações. Mas, assim fazendo para a vitória, não ofendemos a Tua justiça, por vingança contra a misericórdia, por ódio destruindo a nós mesmos e para nós voltando a ira do Teu julgamento.

Oh Deus da paz, agradecemos-Te por se terem dissipado as nuvens da guerra, oramos pela paz que vem da Tua paz, Tua paz que por si só é já um bem nosso, paz em obediência às Tuas leis.

Chamaste-nos para darmos de comer aos famintos e de vestir aos nus, para defendermos os direitos dos homens e os de Deus, e, nesta missão, fazer voltar para Ti os corações dos homens e tornar o homem digno da Tua confiança nele pela confiança dos homens em Ti.»

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de, eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as rupções ou ardência na pele.

Se vende em todos as farmácias e drograrias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PATA, 237
LISBOA



REMINGTON

Máquinas de escrever
Máquinas de somar
Máquinas de calcular
Máquinas de contabilidade
Máquinas tabuladoras
Máquinas de barbear eléctricas
Duplicadores
Fotocopiadores
Acessórios

KARDEX

(Sistemas de organização)

Ficheiros horizontais
Ficheiros verticais
Arquivos
Classificadores
Acessórios

São produtos da

Remington Rand

De NEW-YORK U. S. A.

Agentes gerais para Portugal

SOLO
SOCIEDADE LUSITANA DE
ORGANIZAÇÕES, LIMITADA

LISBOA-R. da Misericórdia 20-1.º
Telefones 29381 e 29382
PORTO-R. Sá da Bandeira 69 2.º
Telefone 1276

* Curiosidades *

O calçado e a moda

Nalgum museu de modas daqui a 200 anos talvez esteja em exposição um par de sapatos de aspecto cansado com a etiqueta seguinte: «Sapatos plásticos usados por mulheres, na Grã-Bretanha em 1946». As donas de casa do ano 2.146 que passarem sobre solas atómicas ou de cortiça almofadada ou de qualquer outra substância que os nossos descendentes possam ter descoberto até lá, contemplá-los-ão

com interesse e talvez com certo espanto.

Dentro em breve os sapatos plásticos serão um dom inesperado para a dona de casa britânica e suas filhas. Acabam de ser exibidos pelo Museu do Comércio Britânico e a imprensa tem-lhes feito boas referências. Em primeiro lugar são impermeáveis — coisa ótima durante a primavera inglesa — em segundo lugar estão a ser fabricados de feltos elegantes e de qualquer cor. Para quem gostar de ver os pés metidos em sapatos brilhantes não há nada melhor.

Não se destinam a substituir nem o cabedal nem a borracha pois não passam de um esforço temporário para preencher uma lacuna enquanto se não normalizar o fornecimento destes materiais. Além disso estes tecidos plásticos tem os seus inconvenientes. Não respiram como o cabedal de maneira que, se os sapatos não forem abertos nas biqueiras e nos calcanhares, os pés aquecem e o calçado torna-se incómodo.

Se, todavia, um sapato for constituído de uma terça parte de plástico e dois terços de cabedal ficará isento de restrições quanto a estilo que ainda vigoram na Grã-Bretanha porque é essencial que o calçado prático e de uso corrente tenha a primazia sobre outros de menos resistência.

Europa

de Adolfo Casais Monteiro

Casais Monteiro publicou, recentemente, um poemato a que deu o título de «Europa».

Neste seu trabalho poético o autor aborda um tema elevado de compreensão humana. É uma exaltação à Europa, ao seu imozredoiro espírito, à sua impercível cultura e, também, às suas dores e angustias presentes, não esquecendo o seu futuro renascimento.

Em todo o poemato, especialmente, nos primeiros cantos de «Europa», a altura do seu vdo poético e a idea intencional das estrofes vibram e ascendem numa clara visão.

O autor interpretando o poder da poesia, incluiu nela um universo luminoso de ideal futuro.

Juventude radiosa
do dr. Tihamer Toth

Em tradução do dr. Joaquim M. Lourenço publicou a Coimbra Editora um tomo do dr. Tihamer Toth, intitulado «Juventude radiosa». Neste livro o seu autor pretende contribuir com as suas doutrinas para a sã moral da mocidade.

Através de um credo de bondade o dr. Toth expõe grande soma de predicções tendentes a criar na juventude sentimentos puros.

O livro está repleto de conselhos dirigidos, em especial, à gente moça. As suas doutrinas, dado que sejam bem compreendidas, devem ser úteis a quem são dirigidas. O caso está em que elas sejam seguidas com a pureza aconselhada na obra.

CRIMINOSOS
DE GUERRA



São dois criminosos de guerra japoneses: o da esquerda, é o sargento Gunichi; o outro, é o tenente coronel Kogi Kazuo. Estão presos na prisão de Stanley Jail, em Hong Kong, que durante a ocupação japonesa serviu de campo de concentração onde os amarelos praticaram as maiores atrocidades. As tabuletas que apresentam têm o seu nome, posto e número

AS NOVAS MOTOS

(Continuação da página 15)

lhas (176 quilômetros à hora) e que pesa apenas 400 libras (181,5 quilos) é uma máquina em que se empregam ligas metálicas ligeiras em quantidade nunca antes conhecidas na produção de motocicletas. Tem dois travões em cada roda, molas tanto nos garfos dianteiros como trazeiros e construção do motor e da caixa de velocidades numa única unidade. Além da sua grande capacidade de aceleração devida ao seu coeficiente excepcionalmente elevado de potência-peso, é fácil de manejar no meio de outros veículos.

Os mercados mundiais vão poder dispor agora de uma escolha de motocicletas britânicas para todos os fins e para todos os gostos — motocicletas experimentadas e que já deram as suas provas, pelo que vêm estabelecer níveis mais elevados de qualidade e rendimento.

SEJA PRÁTICO
E ECONÓMICO

viaje na C. P.

OS MIUDOS

(Conclusão da página 22)

peças, quadros vivos e outras coisas semelhantes.

No andar de cima há um quartinho escuro que é conhecido pelo nome de «Casa da quadrilha». Há nas suas paredes sinais e símbolos estranhos e a porta tem um óculo por onde se averigua a identidade de quem bate antes de o deixar entrar. É o ponto de reunião predilecto dos miudos que gostam de formar sociedades secretas todas as semanas, com senhas, contra-senhas e disfarces.

Ao lado está outro quartinho com a entrada tapada com tabuas de maneira a formar uma porta baixinha. Tem o nome de «casinha» e está mobilado com cadeirinhas, mesinhas, caminhas berçinhos e loiça, tudo em miniatura, e faz as delicias das crianças que gostam de brincar «às casas».

De facto, permite-se, a todos os sócios do clube dar largas à sua imaginação e «fingir», sem nenhuma espécie de restrição. A atmosfera é uma de feliz sem-cerimónia.

Cá fora do prédio os rapazes limpam um espaço grande para formar um campo de futebol e, aos sábados, são levados a assistir a jogos importantes. Durante o verão há excursões e piqueniques.

Existem agora vários clubes que seguem a orientação do «Camêlo». Em cada caso faz-se sentir aos jovens sócios que são eles que administram o seu clube e que este não é coisa preparada de antemão.

Ensina-se-lhes, brincando, a assumir responsabilidades. Encontrou-se assim uma válvula de segurança para as suas energias e para a sua imaginação que, de outro modo, podia levá-los a dar cabo de coisas que podiam fazer falta aos donos, a surripiar outras e a cometer estragos com as suas traquinices. Estão a aprender cedo o valor da auto-disciplina. Qualquer transgressão é rapidamente julgada e castigada pelos seus companheiros.

Como o cinema começou

Continuação da página 13

Podem os saudosistas evocar a beleza e as tranças da Manichelli, a elegância um tanto cómica de Max Linder, a aparição burlesca dos primeiros tempos em que ainda não era conhecida a voz desagradável do maior génio histriónico que é Charlot, podem, pois estão no seu direito, sentir saudades de esse tempo; que nós continuaremos a admirar o progresso surpreendente que a sétima arte atingiu.

E como pretendemos ser dos nossos dias, não deixaremos de continuar a considerar o cinema, não apenas uma arte actual, mas tendo ainda a certeza de que será ainda mais bela dentro de alguns anos.

Não aceitando este critério negaríamos o progresso.

ESTOMAGO ACIDO?

Se tem o estômago sujo,
Se se sente empazinado...
Basta tomar 2 Rennie
Para ficar aliviado!

Pode estar a trabalhar,
a andar na rua, numa
visita ou no cinema —
pode estar em qualquer
parte e ser atacado de
indigestão.

Terá de suportar tal
incomodo? Não! Onde
quer que esteja pode
acabar com a indigestão
em dois minutos — se
levar consigo Rennie — e
as Rennie são embu-
lhadas, se para damente,
para se poderem trans-
portar na algibeira do
colete ou na malinha de
mão.

Assim armado, quando
sentir a indigestão, con-
tra-ataque sem demora!
Não precisa de água, nem
colher. Basta chupar as
duas Rennie, uma de-
pois da outra. Sem de-
mora, as Rennie neu-
tralizarão o excesso de
ácido que causou o in-
comodo.

A dor desaparece. A agonia vai-se
A flatulência acaba. Parece mesmo
um milagre — e as Rennie fazem des-
tes milagres constantemente.

Compre um pacote de Rennie na
sua farmácia. Traga sempre algumas
pastilhas consigo, vá para onde vá

RENNIES



UMA DOR



2 RENNIES



UM SORRISO



A MARINHA MERCANTE

(Continuação da página 10)

engenhosidade dos marinheiros britânicos operou verdadeiros prodígios ao longo de todo o período das hostilidades e, ao mesmo tempo, para reconhecer que a devoção patriótica e o espírito de sacrifício desses marinheiros os equiparam aos mais puros heróis da última guerra.

O serviço, cuja importância é fácil avaliar, sabendo-se que a Suécia, além de ser um país produtor de determinados generos e objectos que não seria possível encontrar noutros pontos do globo, era, simultaneamente, um centro de informações de primeira ordem, aquele onde, melhor do que em qualquer outro, se podiam pressentir as transformações profundas que estavam a operar-se no interior do Reich com a aproximação da derrota, foi mantido, sobretudo durante a última fase das hostilidades, por uma secção especial constituída por pequenos barcos movidos por motores «Diesel» os quais o-

declam, na sua construção, a características especiais e cuja utilidade só podia ser plenamente aproveitada treinando-se tripulações especializadas.

Os membros dessas tripulações deviam ser recrutados em obediência a um critério de selecção muito rigoroso e exigente. Os oficiais precisavam ter uma noção clara das missões, sempre arriscadas, que eram chamados a desempenhar e uma maleabilidade de espírito que lhes permitisse assumir a responsabilidade das tarefas mais variadas e extraordinárias. Por sua vez os marinheiros deviam ser de uma bravura a toda a prova, animados por um espírito de sacrifício e uma devoção patriótica sem limites. Estas condições nem sempre é facil encontra-las reunidas e por isso a escolha das tripulações que deviam assegurar o serviço de comunicações entre a costa inglesa e o pequeno porto de Cysekil era feita com cautelosas facéis de compreender.

O armamento das pequenas embarcações encarregadas desse serviço era ligeiro o que as colocava frequentemente na iminência de terem de deffrontar, para violarem o bloqueio do inimigo, unidades mais poderosas da marinha de guerra alemã com a certeza de que iam travar um combate desigual. Apesar disso, com as suas peças de pequeno calibre e a sua escassa artilharia anti-aerea, nunca esses barcos e as suas tripulações deixaram de corresponder cabalmente às tarefas que lhes eram confiadas.

A tripulação de cada um destes pequenos barcos andava à volta de 20 homens, escolhidos nas condições que já indicamos em regime de voluntariado. Caso curioso: a idade media desses tripulantes andava à volta dos 25 anos mas não faltavam, entre os voluntários, alguns que ainda não tinham completado 20. Os barcos que se dirigiam a Lysekil tinham de atravessar as

A SOLUÇÃO DE FOTO-CRIME

DE acordo com as declarações de Lois, ela fôra amarrada e amordaçada antes de se ter verificado o assassinato. O inspector reparou (fig. 1) que Jake vestia uma impermeável com cinto quando regressou ao Club. Quando o tornou a ver (fig. 2) o cinto não estava no seu lugar, tendo sido utilizado para amarrar Lois à cadeira (fig. 2). É mais do que claro, não é? O cinto não podia ter sido retirado senão depois da morte. Por isso, Lo's fôra atada à cadeira depois e não antes do assassinato.

Lois confessou mais tarde. Ela e o criado, conbedores da existência de cocaina na posse de Jake, no valor de 5.000 libras, haviam resolvido roubalo preparando aquela sibli que por pouco não foi perfeito.

Quando faz frio....

protege-se a pele com

CREME NIVEA

Deste modo evitará gretas e irritações da pele ocasionadas pelo frio e vento invernal.

Frictione bem a sua cutis e mãos com Creme Nivea não só durante o dia antes de se expôr ao mau tempo, como de noite ao deitar-se. Assim a pele conserva-se sempre suave e macia. Nivea não deixa brilha.

Depositar:
Pacheco, Branco e Fernandes, Ltda.
39, Rua Sapateiros, 16, Lisboa



«J. I.» PRODUTOS (DÔCE INGLEBY)



ALPERCHE
AMEIXA
CEREJA
GINJA
LARANJA

MAÇÃ
MORANGO
MARMELO
PÊCEGO
PERA ETC.

ORANGE-MARMALADE

VENDEM-SE NAS BOAS
MERCEARIAS E CONFEITARIAS

passagens perigosíssimas do Skager-Rak e do Kattegat, es- tritamente vigiadas pelas au- toridades navais alemãs. Mas a qualidade dos produtos e objectos que iam buscar, e sobretudo a natureza das in- formações que colhiam tanto no Reich como na Noruega, explicavam amplamente que dos seus tripulantes se exigi- ssem os sacrificios a que eles sempre souberam corres- ponder magnificamente.

OS CÃES DO MOSTEIRO

(Continuação da página 14)

Passou-lhe aquela dormên- cia, aquela letargia que a neve dá. As partes resfriadas do corpo, mesmo anquilosadas, começam a mexer-se, e o ho- mem, já refeito, segue o nobre animal, até ao refúgio da mon- tanha.

O São Bernardo é também o melhor guia dos Alpes. Qual- quer turista, na sua compan- nhia, tem a certeza de não se perder nos gelos eternos. Resistente, endurecido, aguen- ta o mais regelado blizzard. Orienta-se sempre e, por mais longe que esteja do convento, volta a ele, evitando os precipi- cios, saltando despenhadel- ros, arremetendo contra as avalanches, tão extraordinário escalador como devasador de caminhos. Tem salvo centenas de vidas humanas. Guardiões dos Alpes, o homem encontra nele o amigo mais devotado e seguro.

Saltos de aço para os sapatos

O Ministro do Comércio da Grã-Bretanha, Sir Stafford Cripps, louvou recentemente os exitos obtidos pela Indús- tria Britânica do Calçado a qual durante a segunda Guer- ra Mundial não só forneceu sapatos à população civil, mas também manufacturou mais de 70 milhões de pares de botas para as Forças Ar- madas e mais 3 milhões de pares para o Exército Verme-

lho. Agora uma das fábricas britânicas de calçado em Lei- cester, a «Equity Co-operative Boot and Shoe Manufacturing Society», tenciona introduzir uma novidade que os peritos consideram revolucionária. Trata-se de saltos tubulares de aço, em lugar dos saltos de madeira ou de sola actual. Estes saltos, que foram feitos de conformidade com os de- senhos de artistas industriais de nomeada, tendem a fazer os sapatos mais fortes, mais flexíveis e até mais leves. As Sociedades Cooperativas britânicas fizeram já importan- tes encomendas de sapatos com saltos de aço.

A COMIDA PASSOU A SER APETECIDA!



Desapareceram as minhas dores de estômago

Pode comer o que lhe apetece sem receio de perturbações digestivas, desde que tome Magnésia Bisurada. Uma colher de chá de pó ou 2 a 4 comprimidos de Magnésia Bisurada libertam o estômago do excesso de acidez, frequentemente causa de eructações, sensação de fogo, flatulência e outros incómodos de ordem gástrica.

DIGESTÃO ASSEGURADA

MAGNÉSIA BISURADA

à venda em todas as farmácias, em pó ou comprimidos, a 15\$00 e 23\$00.



A VOZ DE LONDRES FALA E O MUNDO ACREDITA

Alguns dos artistas que costumam tomar parte nos programas de variedades da B. B. C.



Triss Henderson, cantora e comediante cuja voz é conhecida dos ouvintes da B.C.C.

Tommy Handley, Francis Worsley e Ted Kavanagh, três dos principais elementos do mais popular programa de Variedades da B.B.C. «Itma». Devia tratar-se de uma conferência acerca dos papeis a desempenhar — mas acabaram por adormecer!



Tommy Trinder, também na adaptação radiofónica do mesmo filme

Stanley Hollway, numa adaptação radiofónica do filme inglês «Champagne Charlie»

A CARTA PARA A AVÓZINHA



**MUNDO
GRÁFICO**